



DIVERSOS ESPÍRITOS
DIVALDO PEREIRA FRANCO



1ª edição
Do 1º ao 15º milheiro

@ Copyright 1987 by
Centro Espírita “Caminho da Redenção”
Rua Barão de Cotegipe, 124

Capa de José Luiz Cechelero

Impresso no Brasil
Presita en Brazilo

LIVRARIA
ESPÍRITA
“ALVORADA”
EDITORIA

Todo o produto desta obra é destinado à manutenção dos serviços assistenciais da
“Mansão do Caminho” (Salvador-Bahia-Brasil) – Departamento do Centro Espírita
“Caminho da Redenção”.

DIVALDO PEREIRA FRANCO



LIVRARIA ESPÍRITA “ALVORADA” – EDITORA
C.G.C. (MF) 15.176.233/0006-21 – I.E. 01.917.200
Rua Jayme Vieira Lima, 1 – Pau da Lima
Salvador – Bahia
1988

Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

E78v	Espíritos diversos. Vitória da vida / diversos espíritos ; [psicografia de] Divaldo Pereira Franco. — Salvador, BA : Livr. Espírita .Alvorada, 1988. 1. Espiritismo 2. Morte - Aspectos religiosos 3. Psi- cografia 4. Vida futura I. Franco, Divaldo Pereira, 1927 - II. Título.	CDD-133.9 -133.9013 -133.93
88-1676		

Índices para catálogo sistemático:

1. Espiritismo 133.9
2. Mensagens psicografadas : Espiritismo 133.93
3. Morte : Espiritismo 133.9013
4. Vida futura : Espiritismo 133.9013

NESTA VERSÃO ELETRÔNICA AS FOTOS DOS FALECIDOS FORAM RETIRADAS.

Nota Explicativa

“Só então o Espírito se reconhece como tal e compreende que não pertence mais ao número dos vivos. Este fenômeno se explica facilmente. Surpreendido de improviso pela morte, o Espírito fica atordoado com a brusca mudança que nele se operou; considera ainda a morte como sinônimo de destruição, de aniquilamento.”

“O Livro dos Espíritos”, de Allan Kardec. (Comentários à questão 165. 29ª Edição da FEB)

A dor selvagem, que assoma violenta, quando da ocorrência da morte física de um ser querido, somente encontra lenitivo na fé religiosa, balsâmica e consoladora.

É ela que aponta o rumo do equilíbrio, ante a esperança da vida futura e do reencontro confortador com aquele que abandonou a vida corporal.

Não obstante a sua presença em muitas consciências e corações humanos, ocorrências se dão, que, pelo inesperado e pela violência, traumatizam e desconcertam as criaturas, que tombam na revolta ou na depressão, ficando estioladas, vencidas...

A incerteza quanto à sobrevivência ao túmulo é fenômeno dos mais comuns, mesmo entre os indivíduos de correta formação religiosa.

A falta de uma estrutura experimental, de um fato probante da imortalidade, uma notícia de como se encontra o ser querido, constituem motivo de sofrimento dilacerador para quem fica na saudade, devendo prosseguir na viagem pela névoa carnal.

Outrossim, a dúvida quanto à vigência do conhecimento do que se passa no mundo espiritual e de como se manifesta a vida fora da matéria, torna-se um ácido a queimar interiormente, instalando a revolta contra as Leis de Deus, ou produzindo indiferença magoada em relação ao futuro.

A morte é, sem dúvida, um grande enigma, passo avançado no rumo do desconhecido, responsável por danos graves no equilíbrio emocional do homem e na economia social da vida.

Considerada como geradora de neuroses e psicoses de largo porte, leva suas vítimas a estados lamentáveis, quando não as conduz ao suicídio.

Por onde passa, deixa profundos sulcos de dor e de amargura.

O desconhecimento da sua realidade responde por prejuízos incontáveis entre os indivíduos.

Quando se pensa ou se fala na morte, um véu de tristeza empana a claridade da alegria e um fatalismo pernicioso parece encerrar os objetivos da existência corporal. Por esta razão, foi cunhado o brocardo, a respeito do qual “a vida se fina na presença da morte”.

Ao Espiritismo, porém, coube o extraordinário mister de desvelar o que ocorre além do túmulo, demitizando a morte e o seu mistério.

Através da mediunidade retornam os que pareciam mortos, todavia, se encontram mais vivos e exuberantes do que anteriormente.

Depoimentos são apresentados, fatos vêm relatados com naturalidade e as mais variadas demonstrações da identidade e da personalidade são oferecidos, em incontestável demonstração da supervivência do Espírito e da sua comunicação com os seres amados.

Detalhes do fenômeno da morte e do despertar do além, de conversas mantidas diante do cadáver, de acontecimentos do lar, antes e depois da desencarnação, caligrafia, voz, gestos e hábitos são repetidos de forma a não mais permanecerem equívocos quanto à continuação da vida após a disjunção cadavérica.

Essas narrativas, escritas ou faladas, mediante manifestações ectoplasmáticas memoráveis, descrevem o novo habitat os seus habitantes, trazendo de volta à memória

humana os antepassados e amigos que pareciam extintos, e, no entanto, vivem. São felizes ou desventurados os Espíritos, conforme o comportamento que tiveram antes da desencarnação, experimentando a consequência das idéias e das ações, dos hábitos e aspirações cultivados.

A morte, de forma alguma, encerra a bênção da vida. Pelo contrário, desvela um campo imenso de realizações, facultando compreender-se a grandiosidade da Criação, que ultrapassa os limites dos sentidos físicos e objetivos.

O amor vence, então, as distâncias aparentes que medeiam entre o lugar em que se encontra quem partiu em relação àquele que ficou...

O intercâmbio prossegue, e eles, os desencarnados, quando felizes, retornam para consolar e auxiliar os seus afetos. O mesmo ocorre, quando persistem animosidades e ódios que se tornam algemas a prenderem os desencarnados na retaguarda, produzindo lamentáveis pugilatos de consequências infelizes.

O Espiritismo veio, portanto, restaurar a paz nos corações e a fé raciocinada nas mentes, proporcionando ventura a quem se encontrava em desânimo ou desesperação.

Este livro é uma prova irrefutável do que afirmamos.

Todas as mensagens aqui presentes foram escritas em público, algumas pessoas não tiveram qualquer contato anterior com o médium, que ignorava, inclusive, a desencarnação dos missivistas.

Como esclarecem os destinatários, alguns deles nem mesmo sabiam que Divaldo Franco era psicógrafo ou jamais o haviam visto escrever mediunicamente.

As suas declarações, parte das quais transcrevemos, dizem, por si mesmas, do que aconteceu e de como alcançaram o objetivo estas cartas de rara beleza, que lhes foram dirigidas pelos familiares desencarnados.

Não houve, de nossa parte, preocupação de ordem cronológica, quanto ao recebimento das mesmas, nem os lugares onde foram escritas: ora em Salvador(BA), ora em Uberaba (MG).

Colocamos, a princípio, as mensagens firmadas por crianças e jovens, a fim de darmos idéia do estilo de cada um, bem como da preocupação de se fazerem identificar, consolando os pais e familiares, assim interrompendo o curso do desespero neles instalado.

Nota-se, igualmente, o mesmo interesse, nos adultos que retornaram, esposos e filhos, sempre ansiosos por demonstrar a sobrevivência e o carinho que a morte não interrompeu.

Temos certeza dos benefícios que este livro propiciará a todos quantos o lerem, vitimados ou não pelo guante da morte no seu reduto familiar.

Desejamos agradecer, penhoradamente, aos familiares, destinatários destas missivas de luz, pela autorização concedida para a sua publicação, bem como pelos dados biográficos que nos forneceram ou escreveram, carinhosamente, a respeito dos seus afetos de retorno.

Exorando as bênçãos de Deus, em forma de paz e bem-estar para todos nós, convidamos o caro leitor ao estudo das Obras de Allan Kardec, o Codificador da Doutrina Espírita, nas quais encontrará as diretrizes de segurança para uma vida feliz e toda a orientação filosófica, científica e religiosa, que extrapolam da singeleza do presente volume.

*Salvador, 13 de julho de 1987
Nilson de Souza Pereira*

David Casimiro de Melo Filho

DAVIZINHO

Nascido em 13 de agosto de 1964, aparentemente sadio e com todos os seus movimentos, reflexos e sentidos normais.*

Com cerca de quatro anos de idade, devido a dificuldades e insegurança em sua locomoção, a família buscou o auxílio dos recursos da medicina, que diagnosticou um provável caso de distrofia muscular progressiva.

Desesperados ante a perspectiva, os pais procuraram, na Doutrina Espírita, através da “Mansão do Caminho”, o auxílio e amparo de que precisavam.

A bondade da dedicada benfeitora Joanna de Ângelis, por intermédio da mediunidade de Divaldo Franco, esclareceu tratar-se de resgate cármico necessário, decorrente de débitos contraídos em encarnação passada.

O passar dos anos deu curso aos efeitos degenerativos e irreversíveis da cruel e inexorável enfermidade, apesar dos recursos da ciência médica buscados e utilizados.

Com cerca de nove anos de idade deixou de andar, passando a ser conduzido numa cadeira de rodas. Apesar da contínua e progressiva redução da mobilidade de seus membros, acompanhada da conseqüente deformidade física, continuou a levar uma vida participativa, somente deixando de freqüentar as sessões doutrinárias da “Mansão do Caminho” e participar de outras atividades quando a sua acentuada imobilidade não mais possibilitou a sua condução.

Desencarnou em 7 de outubro de 1980 com o corpo deformado e incapaz de executar sozinho qualquer movimento, porém com a mente completamente lúcida até o momento em que foi entregue aos cuidados do hospital que o assistiu nas poucas horas de existência terrestre que lhe restavam. Em sua curta convivência conosco, apesar do sofrimento, dele nunca se escutou uma palavra de queixa ou de desespero, sempre teve um gesto de simpatia e amizade para com todos, procurando conciliar, por vezes, atritos entre familiares. Será sempre lembrado como um exemplo de resignação, alegria e bondade.

(Dados fornecidos pelo Sr. David Melo)

Comemorava-se, naquele 07.04.84, a “Semana do Livro Espírita”, e as conferências abordavam temas extraídos da Obra básica da Doutrina.

Nesse sábado, o tema versava sobre “mortes prematuras” e o palestrante mantinha o clima espiritual do ambiente rico de esperanças no futuro além da vida física.

Divaldo, que participava da reunião, psicografou a mensagem confortadora que transcrevemos.

O senhor David, pai do desencarnado, que vivia inconsolado com a partida do filhinho amado, assim se expressou, após o momento feliz da carta do além:

“Na noite de 07.04.84, após o término da sessão pública doutrinária, fomos contemplados com a leitura da mensagem do nosso Davizinho que Divaldo psicografara durante a mesma, à vista de todos os presentes.

Suas notícias, fornecidas por ele próprio, trouxeram-nos a alegria que esperávamos merecer desde a sua desencarnação. Confortou-nos saber que ele estava feliz, consciente

* David Casimiro de Melo Filho

de sua situação e devidamente assistido por nossos familiares que o antecederam no regresso ao mundo espiritual.

Da mensagem, autêntica em todos os seus detalhes, destacamos a nomeação do seu avô paterno, João Casimiro, como era tratado em vida aqui na Terra, a data exata de sua desencarnação, 7 de outubro de 1980, bem como, o total exato dos anos e dias decorridos até a data de sua comunicação, além da recomendação transmitida, recolhida do avô, sobre o desequilíbrio da saúde emocional de que estávamos padecendo.

Tais fatos eram desconhecidos do médium. Também, a gratidão e o reconhecimento externados, são bem característicos da extrema bondade, da personalidade tolerante e compassiva com quem tivemos a imensa ventura de conviver, enquanto perdurou a sua encarnação cármica, exemplo vivo de resignação e amor ao próximo com que a doutrina espírita nos permitiu conviver em aprendizado.”

Meu querido paizinho David, minha querida mãezinha Vera. (1)

Estou rogando a Jesus que nos conceda paz e coragem para a vida, ao lado da saúde e da esperança nos momentos difíceis.

Venho aqui trazido pelo meu avô João Casimiro, (2) que tem sido para a nossa família o anjo bom de todas as horas.

Desde que retornei, amores de minha vida, que ele me aguardava com o carinho que não consigo descrever, diminuindo as minhas angústias e saudades...

Foi o socorro providencial e o amparo superior, sem cujo concurso eu não saberia conduzir-me.

Hoje, desde cedo, ele me informou que viríamos ambos trazer notícias, com as quais continuaríamos na festa espiritual de união e fé, pelos caminhos da nossa evolução.

Desde aquele dia 07 de outubro de 1980 (3) – “data do nosso até logo” – portanto, passados 3 anos e 6 meses, num total de 3 anos e 183 dias (4) contados com o carinho do amor, que venho sonhando com esta oportunidade de poder conversar com vocês através do lápis...

Várias vezes o vovô me fez treinar, orientando minha mão, de modo a facilitar-me a agilidade motora e o intercâmbio da idéia pelo companheiro mediúnico, e, apesar disso, sinto-me comovido.

Eu sei que não foi fácil para vocês e a querida irmã Mônica (5) toda a trajetória da minha doença de perturbadora demora, como sei, também, que a saudade foi algo de desesperador...

Eu sei, porque sofri a mesma, na alma, pela ausência do carinho de vocês, cuja dedicação fez de mim um pequeno rei, cercado de ternura e de devotamento, num clima de ansiedade e inquietação constante.

Haverá como dizer-lhes da gratidão que me domina?!

Somente colhendo estrelas do firmamento, como quem coleta lírios num campo para fazer um ramallete, é que poderei fazer um diadema de brilhantes para coroar-lhes a cabeça e dizer-lhes, numa canção de imorredoura afeição: Deus os abençoe, amores de minha vida e sejam felizes!

Desejo dizer à querida irmã Mônica, que tenho orado por ela, a fim de que os seus pequenos problemas encontrem solução, e alegro-me por vê-la renovada, disposta e fiel aos estudos, crescendo para a vida e olhando o futuro com otimismo. Rogo-lhe, querida Mônica, que me perdoe pelo que tirei de você, involuntariamente, em carinho dos nossos pais, em razão da minha enfermidade... Agora eles vivem em função de sua juventude, no que me associo com júbilo. Você vem crescendo feliz diante de um futuro promissor que há de oferecer-lhe paz e plenitude...

Paizinho, reequilibre a sua saúde emocional (6), vovô pede-lhe ânimo e confiança em Deus, em cujas mãos estão as nossas vidas.

Não receie, fazendo a sua parte e liberando-se de preocupações desnecessárias.

O amor continua e a morte jamais interrompe os laços de família, os sentimentos do coração.

Continuamos a viver e permanecemos juntos, atados pelos fios invisíveis do amor sem limites.

A mente dós que ficam na Terra, comunica-se conosco pelo telefone do pensamento, enviando e recebendo mensagens. Sem dúvida, que nós, os que aqui nos encontramos, temos mais facilidade de captação, pois que nos chegam em forma constante, conforme o teor com que nos são transmitidas.

Resido em uma região muito bela, num verdadeiro lar de crianças, num local chamado “Cidade Jardim da Esperança”, onde crescemos para a vida, somos treinados em recordações e estudamos com bases para futuras reencarnações.

Os avozinhos têm-me visitado com freqüência e reencontrei amigos, fiz novas amizades, que me dão felicidade incomum.

Recuperei a locomoção (7) e soube que a minha doença era um abençoado resgate, inevitável, que procedia de reencarnação anterior, em forma de dívida, pedindo e impondo regularização.

Lutem, paizinhos queridos, trabalhando na construção do futuro e em favor do nosso reencontro porvindouro, quando já não haverá separação, nem sofrimento.

Beijo a querida Mônica e recordo-me, mãezinha querida e meu “velho” querido paizinho, de todas as nossas horas, e, beijando-os com enternecida gratidão, sempre devotado, sorridente e amoroso, o resignado e feliz filho de todos os dias,

Davizinho

IDENTIFICAÇÕES

- (1) – David e Vera – Nomes dos pais do desencarnado.
- (2) – João Casimiro – Avô de Davizinho.
- (3) – 07.10.80 – Data da desencarnação do missivista.
- (4) – 3 anos e 183 dias – Contagem correta.
- (5) – Mônica – Irmã única do falecido.
- (6) – O Sr. David encontrava-se em tratamento de saúde.
- (7) – Davizinho sofria de paralisia progressiva.

Marco Aurélio Leite F. do Amaral

Nas noites de sábado, durante as reuniões doutrinárias do Centro Espírita “Caminho da Redenção”, na sede da “Mansão do Caminho”, no bairro do Pau da Lima, em Salvador (BA), enquanto os expositores proferem palestras para o público presente, Divaldo Franco psicografa mensagens de variado teor.

Desse modo, na reunião de 2 de fevereiro do ano de 1986, foi recebida a página que ora apresentamos com os comentários que lhe são pertinentes.

Marco Aurélio Leite F. do Amaral, filho de Carlos Abraão F. do Amaral e Vanda Leite F. do Amaral, mais conhecido pelo apelido de Sindô, nascido em 29 de junho de 1971, na cidade de Almenara, Estado de Minas Gerais, cursava a 6ª série do Colégio Edvaldo Boaventura, no bairro do Stiep, em Salvador, Bahia.

Sindô foi uma criança sofrida e, com a separação dos pais que conseqüentemente trouxe ainda mais sofrimento, não deixou de ser o filho que sempre me ajudou a lutar pela nossa sobrevivência.

Vimos para a Bahia, ele com cinco anos de idade, seu irmão com quatro anos, e nós três enfrentamos muitas dificuldades, sendo que o Sindô era um menino muito responsável, cuidava da casa e do irmão para que eu pudesse trabalhar. Muito inteligente e estudioso, de uma personalidade muito forte. Gostava muito de desenhar. Poucas semanas antes do ocorrido ele fez um desenho em um dos seus cadernos escolares que só agora posso entender e analisar o significado do mesmo. Era louco por futebol e sempre me dizia que iria para a seleção e quando lá estivesse daria tudo que eu precisasse. Dizia assim: “Vou te dar tudo que a senhora sonha, mãinha, e merece.”

Sindô, não era mesmo deste mundo... suas atitudes eram tão puras e corretas que chegavam a me deixar perplexa perante seu caráter.

A DOENÇA

No dia 1º de maio de 1986, fomos a uma cidade vizinha e, na volta, paramos em um restaurante para almoçar. No dia seguinte, quando cheguei do trabalho, ele me disse: “Mãinha, eu estou me sentido cheio”, e eu logo imaginei que tinha sido a comida do restaurante que poderia ter-lhe feito mal. Não podia imaginar que ali começava o nosso martírio (como ele mesmo disse em sua mensagem). No dia 11 de maio, “Dia das Mães”, levei-o para a clínica, o médico disse que iria dar soro e no outro dia colheria o material para exames.

No dia seguinte, para minha surpresa, não pudemos colher o material, pois estava com hemorragia interna.

Após cinco dias, os médicos deram alta dizendo ser varizes no esôfago.

Achando eu, que ele não estava melhorando, levei-o a Belo Horizonte, onde residia seu pai e seus avós paternos para confirmação do diagnóstico.

Lá, em Belo Horizonte, ele ficou apavorado com tantos exames e perguntou ao médico, Dr. Laurents: – “Por favor, me diga o que tenho” e o médico respondeu: – “É hepatite, meu filho. Quando a hemorragia passar vamos fazer um exame no fígado.”

Aí ele já percebera que seu problema de saúde era grave, mas, mesmo assim nos surpreendia com sua força de vontade de viver, andando, conversando, fazendo planos para o futuro.

No dia 26 de maio, tudo parecia correr bem até às 20 horas. A partir daí, logo depois de ter vindo do banheiro, começaram as golfadas de sangue sem parar.

Sem saber o que fazer levantei a sua cabeça, para que as golfadas não o sufocassem. Foi quando ele pediu para encostar sua cabeça no peito esquerdo dizendo: – “Deixe eu ficar assim, mãinha.”

Ficando nesta posição por alguns minutos, este foi um gesto carinhoso de se despedir, porém, sem que eu percebesse. Neste momento, o meu coração apertava como se uma dor aguda me fulminasse. Logo, em seguida, a maca entrava no quarto para levá-lo para a UTI, e o acompanhei até o elevador, quando ele disse: – “Deus é muito grande, ele vai me ajudar!”

(Dados biográficos escritos por D. Vanda Leite F. do Amaral)

Sobre a legitimidade da comunicação mediúnica, assim declarou a genitora do missivista, destinatária da mesma:

“Diante de tantas evidências da imortalidade, só me resta o agradecimento a Deus, Nosso Pai, por me ter iluminado a procurar este médium tão caridoso que, através das suas mãos abençoadas, eu pudesse receber esta tão linda mensagem de amor e gratidão.”

“Profundamente abalada com a perda do meu querido filho, orientada por amigos, passei a ler algumas obras espíritas. Ganhei um livro psicografado pelo médium Divaldo Franco, cuja mensagem muito parecia com o caso de meu filho.

Resolvi procurá-lo. Fui, pela primeira vez, ao Centro Espírita “Caminho da Redenção”. Neste mesmo dia tive a felicidade de encontrar Divaldo, que estava na reunião. Fui para a fila tentar falar com ele, e, quando lá cheguei, só consegui dizer que queria notícias de meu filho. Aí, as lágrimas me sufocaram as palavras.

Ele só me respondeu: – “Vamos ver se é possível, pois ainda é muito cedo.”

Isto foi em uma quinta-feira, e, no sábado, tinha uma reunião na “Mansão do Caminho”.

Fui até lá, esperei minha vez para falar novamente com Divaldo.

Quando me aproximei, ele disse que tinha notícias para mim. E começou a descrever como era Sindô e transmitiu o recado em voz alta: – “Diga a ‘mãinha’ que não chore e que estou bem; vou escrever”, mas não disse quando.

No sábado seguinte voltei à reunião. Nunca tinha visto alguém psicografar antes. Quando Divaldo começou a escrever, não podia imaginar que seria dirigida a mim, aquela mensagem. Quando ele terminou de escrever, perguntou em voz alta quem era Vanda e começou a ler em público esta tão linda carta, rica de amor, que uma mãe possa receber de um filho.

Eu, muito emocionada, ouvindo as palavras que traziam o selo inconfundível da autenticidade, em um novo alento, novas esperanças e a certeza da imortalidade dos Espíritos, com provas indiscutíveis e revelações totalmente desconhecidas do médium.

Naquele momento, roguei a nosso Pai e aos Bons Espíritos, a Joanna de Ângelis que continuassem abençoando as mãos benditas de Divaldo para que confortassem outros corações maternos como o meu.

Creio que não há maior dor neste mundo, nesta nossa curta passagem pela Terra do que a perda de um filho. Mas, na minha ignorância, que é perfeitamente compreensível, não aceitamos a realidade de que na paisagem onde se encontram estão mais vivos do que nós, simples mortais apegados a tantas insignificâncias materiais.

E, só daí aprendi o verdadeiro significado da palavra (morte), depois que recebi esta mensagem e várias outras.”

Querida mãeinha (1)

Estou rogando ao Bom Deus que nos dê as forças necessárias para carregara cruz de redenção até o nosso Calvário.

Esta carta é uma onda de amor que o lápis vai modelando em letras que nascem no coração saudoso, desejando diminuir a dor que lhe fere e que a mim, também me faz sofrer.

Cada palavra que escrevo é originada na voz da gratidão e de um amor in findo que nos une e prosseguirá como sendo uma ponte de dimensão infinita, sustentando nossas esperanças e levando-nos à felicidade que um dia gozaremos sem receio de qualquer futura interrupção.

Mãinha querida, estou vivo e quase feliz. Quase feliz, porque necessito da sua paz e do seu sorriso, a fim de que me possa sentir pleno.

Suas lágrimas e a sua voz me chamam de volta à nossa Casa e, notando que você está triste, eu lamento ser o instrumento indireto desse seu sofrer.

Recordo-me de todos os lances que precederam a nossa aparente separação.

Naquele domingo, dia 11 de maio, dedicado às Mães, não podíamos imaginar, nem você, nem seu filho, que ali se iniciava a nossa aflição demorada. (2)

Indo ao banheiro senti a dor desagradável, prenúncio da grave hepatite (3) que me desorganizava o corpo. Você preocupou-se, mas o médico nos tranqüilizou. (4) Seu filho, porém, sentiu que algo se passava por dentro. Logo depois, em Belo Horizonte (5), quando o problema se agravou eu percebi que ia partir...

A sua desesperação me fez procurar tranqüilizá-la e me lembro que lhe disse, quando ia para a UTI: – “Tudo vai sair bem, Deus vai ajudar.” (6) As golfadas de sangue nos preocupavam, e foi assim que eu viajei para cá...

Você sabe que eu queria viver. Eu era o homem da Casa, porque o Abraão (7) ainda necessita muito de nós. Além disso, depois do que você tem sofrido, como heroína de mil batalhas, eu me havia proposto que, ao crescer, evitaria suas dores futuras e que você nunca mais iria experimentar novas dores.

Você é a rainha do meu céu, porque, na noite, você sempre foi a minha estrela brilhando e dando-me claridade.

Dormi, sem sofrer, não experimentando nenhuma agonia.

Despertei, ouvindo uma voz carinhosa que me dizia ser do Padre Eustáquio (8), que ali estava em nome de Jesus e de Maria, atendendo as suas preces.

Fiquei comovido, mas ele me sossegou, informando-me que tudo estava muito bem e que eu necessitava de repouso. Voltei a dormir. Ao acordar, renovado, sem dores, ali estava o Dr. Bezerra de Menezes, que atendia aos apelos da minha avó Léia. (9)

Foi ele, bondoso e sábio, quem me explicou o ocorrido.

Confesso que chorei muito. Ele deixou que as lágrimas me lavassem a alma, após o que me trouxe para visitar nossa família...

Lentamente recupero-me. Desde aquele 27 de maio (10) venho-me empenhando em ganhar tempo e crescer. Ainda é cedo para eu lhe explicar a razão de haver partido antes de completar quinze anos... Sei, porém, que há razões que voltaremos a examinar, oportunamente, que nos irão aclarar o que parece um castigo de Deus, e é, todavia, uma bênção.

No dia 29 de junho (11), data do meu aniversário, ouvi todos os seus apelos e dores... Tentei falar-lhe, mas, eu também, ainda não tinha condições para fazê-lo. Agora mesmo, escrevo a três mãos: Dr. Bezerra dirige o meu pensamento e lhe dá

forma, eu seguro a mão do médium e ele compõe, automaticamente, esta música – missiva de amor, de saudade e de gratidão.

Diminua as suas lágrimas, mãinha e volte a sorrir, a fim de que eu me sinta feliz.

O Abraõzinho necessita de você, de nós dois.

Beije-o em meu nome e abrace toda a nossa família.

Agradeço as preces e as referências de carinho, as missas a mim dedicadas(12) e, sobretudo, o seu coração rico de amor.

Mãinha, eu gostaria de cantar outra vez e dizer-lhe tudo que o coração está procurando transformar num hino de louvor a você.

Beijando-a, mãinha amada e inesquecível, sou o seu filho, vivo e querido, sempre dedicado e afetuoso, que espera fazê-la feliz.

Marquinho

Marco Aurélio Leite Fonseca do Amaral (13)

IDENTIFICAÇÕES

- (1) – Querida Mãinha – Mãinha era como ele chamava a mãe.
- (2) – Naquele domingo, 11 de maio, dedicado às Mães, não podíamos imaginar, nem você, nem seu filho, que ali se iniciava a nossa aflição demorada – Dia 11 de maio – data em que ele foi internado.
- (3) – Hepatite – Diagnóstico constatado pelos médicos em Belo Horizonte.
- (4) – Acontecimento verdadeiro.
- (5) – Logo depois, em Belo Horizonte – Vendo que ele não estava bem foi levado para Belo Horizonte.
- (6) – “Tudo vai sair bem, Deus vai ajudar” – Frase dita por ele quando ia para a UTI.
- (7) – Abraão – Nome do seu irmão.
- (8) – Padre Eustáquio – Um padre muito milagroso em Belo Horizonte.
- (9) – “Ao acordar, renovado, sem dores, ali estava Dr. Bezerra de Menezes que atendia aos apelos de minha avó Leia.” – Leia é sua avó paterna muito devota de Bezerra de Menezes.
- (10) – 27 de maio – Data em que desencarnou.
- (11) – 29 de junho – Data em que completaria os seus 15 anos.
- (12) – Realmente, foram celebradas várias missas, face à condição religiosa da família.
- (13) – Nome correto.

Vicente Barbur Júnior

“Vicente Barbur Júnior era natural de Ponta Grossa, PR, onde nasceu, em 24 de outubro de 1956 e desencarnou, em 17 de fevereiro de 1974.

Era filho de Vicente Barbur e de Maria Celeste Prado Barbur, sendo seus irmãos Míriam e Marcelo Augusto.

Vicentinho, como era chamado, iniciou seus estudos no Grupo Escolar Prof. Júlio Teodorico, cursando depois o Colégio Estadual Regente Feijó; deveria ingressar no 3º ano colegial preparando-se para o vestibular de Engenharia, aos 17 anos.

Trabalhava com seu pai no Curtume Rio Branco e nas horas vagas, aproveitando retalhos de matéria-prima, estimulado pelo pai, desenvolveu um pequeno artesanato de cintos, carteiras, bolsas, etc, com gosto e criatividade.

Seu espírito pesquisador levou-o a liderar um grupo de colegas em um trabalho de produção de fibras de rayon apresentado na Feira de Ciências do Colégio.

Inquieto, de uma atividade incomum, tanto era capaz de arranjar alguém que o ajudasse a construir uma mesa de ping-pong, reunir amigos para, a golpes de picareta, tentarem fazer uma piscina no quintal, como desmontar o rádio da avó para sonorizar o seu clubinho, na sala, em cima da garagem...

Alegre, emotivo, espirituoso, desfrutava da companhia de muitos jovens, rapazes e moças, que em grande número lhe foram levar o sentido adeus... mas, também aqueles que costumava encontrar no dia-a-dia de trabalho, os humildes sapateiros – os seus amigos – também choraram, ao saber de sua morte, no balcão vazio, em comovente demonstração de amizade.

Naquela tarde de sábado vimo-lo sair alegremente em companhia do amigo Renato Bueno Gomes para, segundo disseram, irem a um casamento na cidade. Lembro-me que insisti para que participassem de uma festa de 15 anos, acompanhando a irmã Míriam. Mas o plano já estava feito e foram ambos a um baile de Grito de Carnaval, em Telêmaco Borba, cidade distante, mais ou menos 100 km de Ponta Grossa. No retorno, para não chegar em casa muito tarde, apressado, “qual pássaro a retornar do seu primeiro vôo mais distante”, numa curva mais difícil, sob garoa, deu-se o acidente...

Consola-nos saber que Renato sobreviveu. Hoje, casado, três filhos, é com incontida emoção que o temos abraçado, por vezes.

Há dois anos, Vicente pai, partiu também. Reunidos, eles são agora, nossa grande saudade.

Para podermos prosseguir, há a esperança de um reencontro, um dia... e o consolo, apoio e esclarecimento que sempre nos deu a Doutrina Espírita, luarizando nossas horas de imensa saudade!.”

(Biografia apresentada pela genitora)

No mês de março de 1974, Divaldo encontrava-se proferindo palestras na cidade de Ponta Grossa (PR) e noutras circunjacentes.

Na tarde de vinte e um do referido mês, antes de participar das atividades programadas na Organização Espírita Cristã “Irmã Scheilla”, daquela cidade, viu um Espírito, que lhe disse chamar-se Vicentinho, há pouco desencarnado, que desejava escrever aos familiares desolados com a trágica circunstância da sua partida.

Divaldo convocou alguns amigos e os pais do desencarnado, e, numa sala daquela Entidade, psicografou a admirável mensagem, após 32 dias do passamento do jovem.

Comentando a mensagem do filho, D. Celeste, assim se referiu:

“Vicente e eu suportávamos penosamente a presença de muitas pessoas, no ruído natural de conversação; queríamos estar a sós, com nossos pensamentos, com nossa tristeza, com a grande saudade, esforçando-nos para aceitar com resignação a nova e brutal realidade...”

Lembramos da presença dos confrades Guaracy Paraná Vieira, Dr. Célio T. Costa, Dr. Franklin Wagner e D. Mercedes de Almeida. Após orarmos, você começou a psicografar com celeridade, em nossa presença, o que esperávamos ser a mensagem de um benfeitor espiritual a dirigir palavras de bom ânimo e orientação para todos os presentes. Mas escutamos ali, sob indescritível emoção, lida por você, a mensagem do Vicentinho – o seu pensamento vivo, autêntico pela citação de fatos pessoais e familiares, desculpando-se e assumindo a responsabilidade de seus atos com a humildade e a simplicidade que lhe eram peculiares. Estava aí, conosco, a grande prova da sobrevivência do espírito.”

A respeito da mensagem, transcrevemos as palavras do Sr. Guaracy Paraná Vieira, espírita, jornalista e radialista destacado na Cidade e no Estado, que ouviu os pais do missivista desencarnado:

“Todos esses tópicos identificam plenamente Vicentinho, conforme declaração dos pais. Além desses, outras informações foram oferecidas pelo médium através da palavra articulada: descrição de Vicentinho, do Sr. Halim, das circunstâncias do desastre, do traje com que foi sepultado o jovem, do avô desencarnado...”

Com esses dados, de forma irretorquível, temos a prova de que os mortos vivem, comunicam-se com os homens e continuam a tarefa do amor, conforme preceitua Allan Kardec, o eminente Codificador do Espiritismo.”

Meus queridos pais:

Louvado seja Deus!

Ainda me encontro atordoado, sem poder concatenar as idéias... Tudo aconteceu tão rapidamente... um pesadelo! Graças a Deus, porém, uma realidade que devia acontecer...

Perdoem-me a aflição, as agonias... Não sofram mais... não morri... Vocês bem me ensinaram que ninguém morre...

Recordo a estrada de Telêmaco (1), a noite, ou a madrugada? Não sei bem... Acho que era amanhecer daquele domingo de fevereiro (2), ou era a noite de sábado... (3) Vocês saíram e eu apanhei as chaves do carro sem a ordem de vocês... Mamãe, quando você escondeu as chaves, recorda? (4) Como se estivesse adivinhando... Oh! Meu Deus! Perdão, meus queridos... Tudo foi rápido. Quando acordei, tio Halim (5) estava ao meu lado, esperando por mim e me explicou que não tivesse medo... Quis gritar e não pude... Vovô me amparou e “seu” Álvaro (6) sorrindo me disse que eu “estava vivo”... Depois eu dormi como num pesadelo, acordando para de novo dormir... Seus pensamentos me chegam como telefonemas... Compreendo, agora, tudo, embora um pouco confuso... É como se amanhecesse o dia, sem sair o sol... Não estou sozinho... Escrevo como um menino que a mestra segura a mão, pensando e as idéias saindo guiadas pela mão da abnegada irmã Scheilla (7), que tem sido um anjo para mim e aqui me trouxe...

Eu estou em tratamento. A resignação de vocês é um remédio para mim... Também eu sinto saudade, mas sou consolado por ela e pelo tio...

Meu priminho, que veio para cá acidentado pela espingarda (8), já me visitou... “Seu” Álvaro tem sido um amigo constante, como nos dias do Evangelho: (9) canta, toca e nos conforta...

Não sofram, pelo amor de Deus... Nós vamos nos encontrar... Perdoem-me a dor que lhes causei... Continuem no amor às criancinhas como antes... (10) Estou cansado... Abracem Míriam e Marcelo. (11) Que eles sejam bons como eu não fui, e obedientes...

Minha partida seja um conselho para eles...

Orem por mim e se alegrem. Voltaremos a estar juntos. Adeus, meus adorados pais!... Perdoem-me!

Eu deveria voltar e o Senhor fez o melhor...

Com a minha eterna gratidão, beijo vocês, meus irmãozinhos e todos. Deus lhes pague, pais amados!

Seu eterno filho,

Vicentinho (12)

IDENTIFICAÇÕES

(1) – Estrada de Telêmaco – O desastre de automóvel ocorreu na estrada de Telêmaco Borba, PR.

(2) – Domingo de fevereiro – O acidente se deu no amanhecer do domingo dia 17.02.74.

(3) – Noite de sábado – O jovem saiu de Ponta Grossa, na tarde de sábado para uma festa de jovens, em Telêmaco Borba.

(4) – Escondeu as chaves – A mãe, considerando a idade do filho (17 anos) e receando uma tragédia, sempre escondia as chaves do carro no lar, utilizando-se do cofre e de outros locais, a fim de Vicentinho não as encontrar.

(5) – Tio Halim – Tio de Vicentinho desencarnado há 25 anos. (Nas reuniões do Evangelho do Lar a família costumava orar, lembrando sempre do tio Halim, para as crianças)

(6) – “Seu” Álvaro – Trata-se de Álvaro Holzmann, eminente espírita pontagrossense, já desencarnado.

(7) – Irmã Scheilla – Entidade veneranda que trabalha pelo próximo em toda parte. No lar da família Barbur funcionou a Organização “Irmã Scheilla”, que prestou relevantes serviços à comunidade, como continua fazendo em sua nova Sede.

(8) – Acidentado pela espingarda – Primo de Vicentinho que desencarnou vitimado por um acidente de espingarda.

(9) – Como nos dias do Evangelho – Álvaro Holzmann dedicava-se à evangelização da criança: era maestro, professor, compositor e pianista.

(10) – Amor às criancinhas como antes – Os pais de Vicentinho dirigiram por vários anos o “Lar Hercília Vasconcellos”, de Ponta Grossa, onde se educam meninas órfãs.

(11) – Míriam e Marcelo – Irmãos de Vicentinho.

(12) – Vicentinho – Nome do desencarnado.

Osmar de Freitas Filho

Osmar de Freitas Filho, nasceu no dia 16.08.53, filho de D. Clarice Pereira de Freitas e Sr. Osmar Freitas, havendo desencarnado em acidente de automóvel, à altura do quilômetro 61, entre Curitiba e Ponta Grossa, pois o carro em que viajava com o amigo foi colhido por um caminhão que saiu de sua mão. Desencarnou, assim, no dia 19.07.75, com a idade de 22 anos.

Trabalhava em Curitiba, havendo sido, poucos dias antes, aprovado no vestibular de Veterinária.

Divaldo Franco estava proferindo conferências na região do Triângulo Mineiro, quando, na noite de 27 de julho de 1984, foi participar da reunião do “Grupo Espírita da Prece”, em Uberaba.

Contribuiu na parte dos comentários ao tema da noite, enquanto o médium Chico Xavier atendia, em compartimento contíguo, aos inúmeros pedidos de orientação espiritual.

Quando terminada esta parte, Chico passou para a sala doutrinária, a fim de dar lugar às psicografias públicas. Sem qualquer contato com a família do missivista, Divaldo recebeu a mensagem que ora comentamos.

Em carta dirigida, posteriormente, ao médium, assim se expressa a sua irmã, em nome de D. Clarice:

“Sabe, depois que conversamos, você me perguntou dos detalhes da mensagem, e eu, muito emocionada, não consegui lhe dizer; mas agora vou procurar lhe contar certas coisas:

– A assinatura na mensagem é idêntica às outras recebidas em três mensagens psicografadas pelo Chico, e idênticas à dele quando encarnado.

– “Lar Anália Franco” – Osmar e família moraram um ano neste lar, quando a mamãe era supervisora lá, e ele vivia junto aos meninos, como se fosse interno.

– D. Lucila Ballalai – Mamãe trabalhou muito com ela em prol do Instituto do Câncer de Londrina.

– Outro detalhe que só a família sabe: a Geni é minha irmã, e dez anos mais nova; eu a criei, e, eu e ela somos tão apegadas como se fôssemos mãe e filha. Nós chegávamos a brincar com a mamãe que ela havia me “roubado” a minha filha, que deveria esperar para nascer como minha filha, e não como minha irmã. Tudo isto num clima de muita alegria. A Geni, no “Dia das Mães”, sempre me manda, de Campinas-SP, onde mora, um telegrama assim: “Jesus te abençoe, mãezinha querida”. Como você vê, é algo muito íntimo, e, na mensagem, o Osmar coloca o nome da Geni entre os nomes de minhas duas filhas Karina e Sheilinha.

Poderia enumerar muitas outras coisas, mas eu já tomei demais o seu precioso tempo, que deve ser dedicado a outros irmãos que o amam tanto quanto nós.”

Querida mãezinha Clarice (1)

Conceda-me a dádiva da sua bênção habitual.

Acompanhei o seu coração saudoso e a sua mente cheia de interrogações desde a nossa Londrina (2) até aqui.

Quantas questões a sua ternura apontava no caderno das evocações, que gostaria de transformar em diálogo de amor sem termo! Todavia, seu filho lhe seguia os raciocínios, passo a passo, procurando infundir-lhe ânimo e segurança.

Os acontecimentos da vida são lições abençoadas para o nosso crescimento espiritual, quando sabemos retirar deles os seus melhores benefícios.

Cada momento da vida constitui oportunidade de crescimento e de realização, quando nos resolvemos por transformar os sentimentos em estrelas lucilantes no caminho de sombras por onde muitas vezes somos levados a realizar o processo de evolução.

Desse modo, continue você mesma, amorosa e otimista, ao lado do papai Osmar(3) cujo esforço tem sido grande para manter os propósitos superiores abraçados. Confio que ele atingirá a meta a que se propõe, embora reconhecendo que toda ascensão é difícil, nem por isso impossível...

Tenho-me incorporado ao grupo dos que laboram em nossa Cidade, em favor do próximo, especialmente nas atividades do Lar Anália Franco” (4), objetivando o apoio à criança carente, neste momento grave da Humanidade. Outrossim, não me afasto do lar “Marília Barbosa”, de Cambe, onde os corações abnegados dos paizinhos Hugo e Dulce (5) se transformaram em fonte de amor inexaurível, na obra da libertação de consciência e da edificação do mundo infantil.

Tenho visitado a abnegada Sra. Lucila Ballalai (6), que prossegue no socorro aos necessitados de nossa Região.

Não me posso olvidar de pedir que continuemos unidos nesta obra do bem infinito, em nossa família sempre querida.

Assim, desfilando pela minha memória os irmãos, sobrinhos, e familiares outros, amados, que me constituem emulação ao crescimento para Deus, através das mãos abnegadas do meu bisavô Freitas (7), esse sol de nossa Casa.

Desejo abraçar com a ternura de sempre a Maria Cecília, Célia Maria, o querido cunhado Carlos Henrique Gomes, Karina, Qeni, a Scheilinha, os sobrinhos Carlos Henrique Filho, Carlos Henrique Lessi, a amada sobrinha, a tia Mariinha (8) e todos na certeza de que o amor é o ouro que nos une e o tempo não consome.

Querida mãezinha Clarice, sempre é dia para a ação do bem, do perdão e do amor.

Dilate o seu coração nas linhas mestras desta Doutrina santificadora’ cujo exercício vivencial nos dá a plenitude da paz, e prossiga sem cansaço, nem enfado.

Com o papai Osmar, eu os aguardarei no topo da subida, entre sorrisos e lágrimas, quando soar o momento do nosso reencontro...

Lutemos e perseveremos otimistas até o fim.

Envolvendo todos os familiares e companheiros que a amparam na luta, no mesmo amplexo, sou o filho devotado, afetuoso e lutador de sempre, que não a esquece, nem ao papai, de todos os dias, sempre reconhecido,

Osmarzinho

Osmar de Freitas Filho (9)

IDENTIFICAÇÕES

- (1) – Nome da mãe do missivista.
- (2) – Cidade onde reside a família de Osmarzinho.
- (3) – Nome do genitor do desencarnado.
- (4) – Nome de nobre Entidade de amparo ao menor na Cidade de Londrina (PR) e onde Osmar residiu por mais de um ano.
- (5) – Nome de abençoada Instituição da Cidade de Cambe (PR), igualmente dedicada à educação infanto-juvenil, fundada e dirigida por Hugo e D. Dulce Gonçalves.
- (6) – Nome de abnegada senhora, hoje desencarnada e conhecida da destinatária desta carta.

- (7) – Dado correto.
- (8) – Relação de nomes de familiares. Note-se a observação da irmã, na referência sobre a autenticidade da mensagem.
- (9) – Assinatura idêntica à que apresentou noutras mensagens por intermédio de Chico Xavier e à forma como se firmava quando encarnado.

Melina Lima Falcão

Melina Lima Falcão, filha de José da Rocha Falcão e Selma Rosa Lima Falcão, nascida na cidade de Serrinha-BA, no dia 06.12.78, desencarnou na cidade de Feira de Santana-BA, no dia 21.10.86.

Cursou até a 2ª série, tendo-a concluído em 1985, no I.S.E. – Instituto Serrinhense de Educação – sem maiores problemas, vez que, nesse período, submeteu-se a múltiplas cirurgias e tratamentos complementares.

Melina nunca se sentira doente e durante todo o seu tempo sempre demonstrou alegria e bom ânimo. Gostava de desenhar, escrever frases e mensagens, dançar ao embalo de músicas jovens, sendo fã dos conjuntos “Menudo” e “Dominó”. Tudo, para Melina, era motivo de festa.

Muito comunicativa e amada, contou com o apoio de todos e soube dignamente levar até o fim e com expressão serena, o calvário redentor.

Deixou-nos uma verdadeira lição de fé, paz e resignação.

(Dados biográficos fornecidos pelos genitores de Melina).

Naquela noite de sábado, em nosso “Caminho da Redenção” pairava significativa psicofera de bênçãos, renunciando uma messe de luz.

A compacta multidão que repletava o salão doutrinário, captando as vibrações predominantes deixou-se impregnar pela paz, aguardando o momento de elevação espiritual.

As reuniões, realizadas neste dia da semana, são divididas em duas partes: uma palestra com duração de uma hora, em média, e, logo depois, aplicação de fluidoterapia em todos os presentes, enquanto são realizadas vibrações.

Na data referida, após a prece que Divaldo proferiu com unção, foi iniciada a palestra pelo expositor da noite, enquanto as psicografias se sucediam.

Foram apresentadas três mensagens profundamente comovedoras, em exíguo espaço de tempo.

Destacamos a que ora aqui se encontra, face ao impacto produzido nos familiares, cuja presença o médium ignorava completamente, bem como em todos os assistentes, que também se comoveram.

Quanto à autenticidade da carta do Além, assim se referiram, o Sr. José e D. Selma Falcão:

“Além dos detalhes que afirmam a sobrevivência do Espírito à morte, e que demonstram proceder da nossa filhinha Melina, a maneira de escrever e a assinatura são-lhe inconfundíveis e pertencem-lhe, sem qualquer dúvida.”

Posteriormente, os pais apresentaram uma página firmada pela menina antes da desencarnação, facilitando a comparação da caligrafia, o que confirma a identificação.

Em carta dirigida ao médium, após diversas considerações e palavras de reconhecimento, concluem: “Tudo ocorreu conforme a descrição narrativa da mensagem.” E logo adiante acrescentam: “À nossa querida Melina, a forte e longa gratidão por ter-se apressado em dar notícias, respondendo de forma precisa e autêntica às nossas perguntas do fundo do coração.”

Leiamos a mensagem, a seguir:

Amada mãezinha Selma, meu querido paizinho José (1)

Estou suplicando à Mãe de Jesus que nos conceda a felicidade da Sua bênção. Sim, estou de volta!

Vesti-me de festa como se fosse o dia do meu aniversário, que ocorreu no dia 6 de dezembro (2) passado, a fim de falar-lhes.

Tudo em mim é qual música divina, cantando um poema de gratidão a vocês, os anjos que a dor não conseguiu crucificar, no largo trajeto do nosso testemunho...

Foram dois anos de angústia e de terríveis expectativas, incertezas e desilusões (3) na busca da saúde que havia abandonado o meu corpo, graças à necessidade de dar cumprimento às leis divinas...

Durante aquele período de poderosa aflição, Jesus iluminou nossas vidas e me permitiu, mesmo criança, compreender o próprio destino e todas as ocorrências que nos dilacerariam. Foi assim, que a fé brotou em mim como um suave perfume que me embalsamava as dores do câncer (4), dando-me resistência e coragem para chegar até o fim.

Nesse íterim, passamos por seis cirurgias (5) aflitivas e tratamento quimioterápico, não menos cruel, sem que os meus sofrimentos fossem diminuídos.

Eu recebia visitas espirituais que me acalmavam e, durante o sono eu era atendida pelos abençoados Guias Espirituais, q me renovavam o ânimo, dando-me força para viver até o término da nossa provação.

Todos esperavam, conforme as opiniões médicas, que as minhas dores, na etapa final, seriam insuportáveis. (6) No entanto, Deus havia estabelecido de forma diferente, misericordiosa.

No passado 21 de outubro (7), segunda-feira, lembro-me bem, adormecida, o coraçãozinho cansado parou por bondade do divino amor e eu nada sofri.

Quando acordei, num lugar agradável e amplo, vi um senhor gentil que me disse ser o bivô Falcão (8) e ali estava aguardando por mim, a fim de tranquilizar-me. Eu não consegui entender o que se havia passado. Sentia-me cansada, amolentada, sem discernimento. Voltei a dormir serenamente.

Mais tarde, fui despertada por um sacerdote sorridente, acompanhado por crianças alegres, que me informou ser ali uma escola para criancinhas, que ele dirigia, e onde eu ficaria internada por algum tempo, para tratamento e aprendizagem. Falou-me que se chamara, na Terra, padre Ovídio (9) e que era Benfeitor da nossa Feira de Santana.

Havia tanta paz nele que me senti quase anestesiada. Lembrei-me, então, de vocês, da vovó, do Mateus, da Mirella (10) e ele esclareceu que todos estavam bem, mas não podiam visitar-me, por enquanto, e que não me preocupasse com nada...

A saudade chegou-me e senti uma falta imensa dos braços da mãezinha me envolvendo e me acariciando. Apesar de todo o conforto e carinho que recebia, eu chorei muito, recordando do nosso lar e da nossa família... Tudo porém foi passando e eu me estou adaptando.

Recebi e recebo os seus pensamentos, ouço os seus desejos e perguntas, agradecendo tudo quanto fizeram por mim e prosseguem fazendo.

No dia 6 de dezembro, quando eu completava os oito aninhos recebi todos os presentes de amor que vocês me ofertaram e comovi-me, sendo trazida a nossa casa para os rever e os abraçar...

Vivi momentos de tal felicidade e retornei fortalecida...

Hoje, tudo é diferente.

Estou bem, quase ajustada no novo lar, onde me preparo o nosso futuro feliz, quando não haverá mais doença, nem separação, nem morte...

Meus amados paizinhos, estou feliz por poder escrever a vocês, atendendo o desejo ansioso do coração ralado de saudado todos nós. E escrevo esta carta orientada pela irmã Joanna de Ângelis, (12) que se tornou uma mãezinha devotada, e mo notícias da família.

Eu venho escrever esta carta acompanhada por vários familiares nossos e alguns benfeitores da nossa terra, tais o Dr. Gastão Guimarães, o monsenhor Amílcar Marques, a Prof.^a Catuca (13), o padre Ovídio, que prosseguem trabalhando pela felicidade de muitos.

Amados da minha alma, beijem os nossos, especialmente os irmãos Mirella e Mateus, os familiares e os amiguinhos.

Espero poder voltar outra vez, quando Deus me permitir.

Com infinito carinho, beija-os, enlaçando-os, ternamente, a filhinha que a morte não venceu, nem pôde separar do seu amor,

Melina (14)

P.S. – Nas minhas mensagens escritas e nos desenhos que deixei, e vocês, com frequência, lêem e olham, ficou um pouco de mim, como nas bonequinhas e nos brinquedos.(15)

Prossigam repartindo o que usei com os que nada têm e necessitam muito.

Beijinhos, da filhinha

Melina

IDENTIFICAÇÕES

- (1) – Nomes dos pais.
- (2) – “Vesti-me de festa” – festa espiritual, o que lhe era peculiar, ou talvez por ter ido inumada com o vestido do seu último aniversário: 06.12.85, data correta.
- (3) – Foram realmente dois anos de lutas cheias de angústias, incertezas e desilusões.
- (4) – Foi o câncer que lhe arrebatou a vida física.
- (5) – Realmente foram “seis cirurgias” e outros tratamentos rigorosos.
- (6) – Os médicos vaticinavam, realmente, que na etapa final as dores seriam insuportáveis; porém, Melina não sentia dores nos seus últimos dias, conforme afirma na mensagem.
- (7) – Sem tomar nenhum medicamento, tudo aconteceu conforme relato. Causa mortis – parada cardíaca – 21.10.86, data correta.
- (8) – Bivô Falcão – Bisavô paterno.
- (9) – Padre Ovídio – Sacerdote muito amado, em Feira de Santana, por sua dedicação e é tido como vulto histórico, nessa cidade, um bem-aventurado.
- (10) – Mateus e Mirella – Nomes dos irmãos da missivista desencarnada.
- (11) – Mesmo após a desencarnação a família comemorou o seu aniversário, em 06.12.86 na Creche “Sorriso da Criança”, em Feira de Santana, quando ela completaria oito anos.
- (12) – Joanna de Ângelis, Entidade espiritual a quem rogamos, em momento de aflição, para interceder, de alguma forma, para que Melina não fosse agredida por dores. Houve, definitivamente, essa intercessão, pois as previsões médicas foram contrariadas e tudo transcorreu bem.
- (13) – Dr. Gastão Guimarães, monsenhor Amílcar Marques e Prof.^a Catuca – pessoas que se destacaram na comunidade feirense por suas Obras.

- (14) – Melina – Nome da missivista – A assinatura é igual à que firmava quando no corpo, um verdadeiro autógrafo, conforme esclareceram os pais.
- (15) – Dados e informações corretos, confirmados pelos pais.

Fábio Queiroz Araújo

“Fábio Queiroz Araújo nasceu em Salvador-BA, a 15 de abril de 1980. O primeiro dos três filhos existentes, o qual, nos primeiros meses de vida apresentou uma simples gripe e concluiu-se, pela medicina, o começo de um problema cardíaco que se foi agravando com o tempo.

Era uma criança alegre que não se limitava às dificuldades da saúde física e disputava o espaço da felicidade com as demais crianças da sua idade. Era, ainda, a ternura e a constante reflexão das Leis de Deus para nós.

O tempo correu e, graças a Fábio, nosso filho, nós iniciamos, com o Culto Evangélico no Lar, o estudo lento e gradual da Doutrina Espírita. A sua desencarnação, às 22h do dia 11.09.85, levou-nos a procura de consolo através do médium Divaldo P. Franco.

E lá chegando, na “Mansão do Caminho”, pedaço do Céu na Terra, recebemos como bálsamo, e confirmação da nossa Fé na Causa Espírita, o que Jesus nos prometeu como consolo da saudade e da dor.”

José Martinho de Jesus Araújo
Maria Nilda Queiroz de Lima Araújo

A noite de 4 de janeiro de 1986 apresentava-se especialmente calorosa.

O Cenáculo do Centro Espírita “Caminho da Redenção”, ao Pau da Lima, em Salvador, encontrava-se repleto. Uma verdadeira multidão, como é habitual, aguardava a reunião.

Nosso irmão Divaldo participava das tarefas e um número expressivo de pessoas sentara-se ao lado esquerdo do salão para o atendimento pessoal após a atividade doutrinária.

Depois da prece, que Divaldo proferiu, os comentários da noite tiveram início pelo orador programado.

Enquanto as palavras amigas iluminavam e consolavam as mentes e os corações, o nosso médium pôs-se a psicografar, diante de todos, a bela e comovedora mensagem que ora comentamos.

A respeito da legitimidade da mesma, assim se expressaram os genitores de Fabinho:

“A mensagem do nosso Fabinho por seu intermédio, Divaldo, foi um lenço aromatizado de reconforto, para que pudéssemos prosseguir na vida e com a vida. E a Fé, faísca de Luz nos momentos de dor, juntamente com a Esperança, apagada no sorriso de nós dois, ressurgiram como barcos salva-vidas ante o mar de desânimo e inseguranças que nos envolviam bem como ao nosso lar.

“Efetivamente, não temos palavras para transmitir o bem que a mensagem nos trouxe, quer pela autenticidade, bem como pelo remédio revitalizador inserido em nós.”

José Martinho de Jesus Araújo
Maria Nilda Queiroz de Lima Araújo

Querido paizinho José Martinho e querida mãezinha Nilda (1)

Rogo que me abençoem.

Aqui estou para escrever esta carta de carinho e de gratidão, na qual eu coloco as palavras molhadas pelas lágrimas da saudade e do amor, que me constituem a vida, animando-me para prosseguir sem a presença de vocês ao meu lado.

Naquela quarta-feira, dia 11 de setembro do ano passado (2), após a quinta (3) tentativa cirúrgica para me reter no corpo, a mãezinha cansada foi levada a dormir, no justo momento em que eu devia partir da Terra. (4) Um sono suave e demorado tomou conta de mim e não pude raciocinar. Eu também me sentia muito cansado, já sem ânimo, com o corpo dorido, a respiração difícil... No coração, eu sabia que não poderia viver muito. Tudo em mim me falava da morte. Eu li nos olhos de vocês a sentença, na preocupação constante que os dominava, na incerteza que vivia em nossa Casa. Eu, no entanto, queria muito viver, ficar com vocês, acompanhar os meus irmãozinhos queridos. Tudo, no entanto, foi diferente e havia razão para isso.

O que recordo é que, ao acordar, uma irmã muito bonita abraçou-me e disse-me: – Fabinho, eu sou a irmã Joanna de Ângelis e já conhecia você.

Eu perguntei onde estava e onde vocês se encontravam. Ela sorriu e respondeu: – Observe bem. Você já não sofre de dificuldade respiratória, nem experimenta dor alguma. Sucede que a sua operação foi um êxito. Você não necessitará mais de internamento hospitalar nem sofrerá mais aquele mal-estar. Agora você já não tem mais o corpo doentinho e está livre, sadio.

– E meus paizinhos? – perguntei, chorando.

– Ficaram na Terra – ela respondeu – para tomarem conta do Fabricinho e da Paulinha (5) que necessitam muito deles. Agora tudo está bem.

Eu chorei, porque desejava estar com vocês. Ela me consolou o que pôde, e eu, de cansaço, voltei a dormir.

Lentamente, com o carinho dela e de outras pessoas que me vieram visitar, eu fui-me acalmando.

Às vezes, eu ouvia as perguntas de paizinho, se eu estava bem e as lágrimas da mãezinha me chegavam, penetrando em minha alma e doendo-me.

Foi assim que, um mês depois, eu estive em casa. Vocês estavam conversando sobre minha doença e morte. (6) Eu me senti feliz, abracei-os e fui ver os irmãozinhos que dormiam.

A casa estava bonita como sempre, mas eu sabia que vocês sentiam a minha ausência.

Venho recordar-lhes as criancinhas desamparadas que não tiveram a felicidade de ser filhas de paizinhos como vocês. Dormem ao abandono e são perseguidas pelas pessoas felizes. Necessitam de apoio e, na sua ignorância são agressivas, causando mágoa e aborrecimento. Em memória do seu filho, quando possam, distribuam sorrisos e esperanças com elas, as minhas irmãzinhas sem lar e sem amor.

Aqui eu soube, que a minha doença resultará de uma luta chamada duelo, na qual ganhei, mas fora considerada um suicídio, porque eu ganhei na luta, morrendo, atingido pela bala...

Mas, isto é passado e importa o futuro.

Agradeço o seu amor sem igual, anjos da minha vida, e peço-lhes que beijem por mim o Fabricinho e a Paulinha, a quem amo muito.

A mamãe Joanna de Ângelis, que escreve comigo esta carta, diz que estou feliz e irei crescer para o Bem, de forma a preparar lugar para receber vocês, quando vierem para cá.

Beijo vocês todos, como se fossem duas rosas unidas na mesma haste e recebo o perfume do seu carinho amado.

Perdoem o seu filhinho pelas dores causadas involuntariamente.

Eu amo vocês.

*O meu coração é de vocês. O filhinho de sempre, que os adora,
Fabinho (7)*

IDENTIFICAÇÕES

- (1) – Nomes corretos dos pais.
- (2) – 11.09.85 - Quarta-feira, data da desencarnação.
- (3) – *Quinta tentativa cirúrgica* – Dado confirmado pelos pais.
- (4) – Detalhe, igualmente exato.
- (5) – Fabricinho e Paulinha – Nome dos irmãozinhos.
- (6) – Os pais recordam-se do ocorrido, face à impressão que tiveram, como se o filhinho ali se encontrasse.
- (7) – Nome do missivista, conforme era carinhosamente chamado.

Carmosina Coutinho Politano

Carmosina Coutinho Politano (Mosinha), nasceu em 17 de dezembro de 1948, na cidade de Maracás – Estado da Bahia, indo logo após viver em Itiruçu (cidade próxima) até os oito anos de idade. Após o falecimento do seu pai, Álvaro Coutinho, foi entregue por sua mãe, Jovelina Lima Coutinho, aos cuidados da Profª Edith Vital, conceituada educadora em Salvador, que a criou como verdadeira e única filha. Sua verdadeira mãe, Dona Jovelina Lima Coutinho ainda é viva e mora em Itiruçu. Ela entregou quase todos os filhos para outras pessoas criarem devido às dificuldades financeiras enormes que a família passou, após o falecimento do Sr. Álvaro Coutinho.

Mosinha devotava a sua mãe de criação um amor imensurável e não entendia por que haviam tantas dificuldades burocráticas para a adoção de crianças pobres! Achava que, após o trauma da separação, havia sido recompensada por Deus em possuir uma genitora perfeita, embora não fosse de seu sangue. A enorme diferença de idade entre Mosinha e sua mãe adotiva Edith Vital, fez com que ela tivesse enorme paciência e ternura com pessoas idosas, sendo até hoje lembrada por todas as velhinhas da rua Rio de São Pedro – Graça – onde conviveu toda a infância e adolescência. Sempre dizia que tinha mais pena dos velhos que das crianças, pois estas últimas sempre possuem um pouquinho de proteção, enquanto os primeiros são abandonados e algumas vezes até detestados.

Em 1972 formou-se como Professora Primária na Escola N. Sa. de Lourdes, em Nazaré – Salvador – Em 1973 fez um curso de extensão para ensinar no ginásio na mesma escola Em 1974 uniu-se com Carlos Eduardo Politano. Em 1977 nasceu da união Leonardo Coutinho Politano que se encontra atualmente com nove anos de idade. Em 1982 nasceu Bruno Coutinho Politano, com cinco anos atualmente.

Em 8 de agosto de 1985 foi acometida de um derrame cerebral devido ao rompimento de um aneurisma. Levada, às pressas, para o Hospital Jorge Valente, voltou a si no dia 10.08.85 dando fortes esperanças de pronto restabelecimento. No dia 11.08.85, na UTI, voltou a ter fortes dores de cabeça, causando outra hemorragia da qual não se recuperou mais. No dia 16.08.85 à 1h55m da madrugada desencarnou. Suas últimas palavras, segurando as mãos do marido foram Bu-bu, apelido carinhoso que se referia ao caçula Bruno.

Durante sua passagem pela vida material foi uma excelente amiga, mãe, esposa, filha, nora, irmã, enfim tudo o que um ser possa possuir de bom. Era extremamente sentimental, sensível e bela. Estava sempre sorridente e espalhava alegria em todos os lugares onde ia, apesar de não gozar de boa saúde.

Salvador, 13.01.87

Carlos Eduardo Politano

Querida Mosinha:

São decorridos um ano e meio que você nos deixou. Apesar do tempo, é como se tudo tivesse acontecido ontem! Reafirmo que jamais encontrarei alguém como você!

Seu marido.

Divaldo Franco estava presente à reunião da noite de 18 de janeiro de 1986, e, como sempre faz em tais oportunidades, enquanto o orador explanava o tema estabelecido, psicografou a enternecedora página, que segue, dirigida ao Dr. Carlos Eduardo Politano,

que assistia, por primeira vez, uma reunião do Espiritismo, conforme declarou, posteriormente.

A respeito da evidência da imortalidade e comunicação da sua esposa desencarnada, o arquiteto faz comovedor depoimento, conforme segue, dirigido ao médium.

“Fiz todos os cursos, primário, ginásial e científico, em colégio católico, dos mais conceituados de Salvador...”

...”Como é gratificante após tantos anos de estudos e afeições recíprocas entre duas criaturas, comprovar a continuidade da vida daqueles que nos são tão caros! Confesso-lhe a enorme emoção que tomou conta do meu espírito, as lágrimas derramadas de alegria ao ouvir palavras tão belas de minha adorada esposa. O que você psicografou, querido médium, através da bondade irrestrita da “Mensageira da Caridade”, foi um poema de amor, que não servirá apenas para mim, porém para nossos pequenos filhos, familiares e tantas outras pessoas que estavam presentes e outras que venham a tomar conhecimento do que se passou...”

“Os dados, datas, nomes dos filhos e a enorme preocupação com a mãe, que tem chorado constantemente, estão absolutamente exatos...”

“Os detalhes a que o querido irmão se referiu após a leitura da carta, perante mais de 300 pessoas, e que não constam da mensagem escrita, tais como chamar os nossos filhinhos de “Leo” e “Moreninho” (Bruno), o vestido com manga (não gostava de usar decote), a enorme preocupação com a tristeza da mãe..., a alusão feita à minha mãe, sua sogra, a quem adorava e vice-versa, constituem dados completamente importantes!”

“Um dos fatos mais interessantes é que a assinatura da mensagem psicografada é quase absolutamente igual à que tinha quando encarnada, conforme cópia que lhe entrego de uma procuração por nós assinada, com firma reconhecida pelo Cartório do 1º Ofício de Notas, três dias antes do derrame...”

... “Finalmente, em 18.01.86, senti uma enorme vontade de conhecer a “Mansão do Caminho”. Não tinha condições físicas de ir lá nesse dia, pois estava doente e não tinha com quem deixar os nossos queridos filhinhos. Algo, entretanto, me forçava a uma decisão. Consegui arranjar com quem deixar Leonardo e Bruno, e, às 19 horas, sentei-me defronte ao Auditório e comecei a pedir ajuda ao mundo espiritual, pois desejava receber muito uma mensagem da minha adorada esposa. Assim que você, querido Divaldo, começou a psicografar, não tive dúvidas que era uma carta dela para mim. A confirmação levou-me a uma espécie de êxtase e mal podia ouvir a leitura da carta tanto sonhada. As lágrimas eram de uma felicidade transcendental e ouvia cada palavra ecoando em meus ouvidos como se estivesse tonto ou dopado...”

“A você, querido Divaldo, minha eterna gratidão...”

Carlos, (1) alma da minha alma, esposo querido

Prossigo viva, embora a interrupção orgânica.

A ruptura fatal do aneurisma (2), inesperada, roubou-me o corpo sem que me houvesse interrompido a vida.

Nosso matrimônio feliz navegava em mar de paz, sob ventos de ternura, quando o acontecimento nos convocou a meditações mais graves.

Confesso-lhe que não esperava partir e não o desejava, embora alguma coisa na paisagem intuitiva me inquietasse vez que outra (3), como a prenunciar-me essa ocorrência dolorosa para nós ambos e aqueles que fazem parte do nosso grupo familiar de felicidade.

Para mim, foi um choque muito grande, quando despertei em uma Casa hospitalar e não o encontrei. A imagem que eu conservava do seu semblante angustiado, fez-me

indagar, em silêncio, onde você se encontraria, já que o não via ao meu lado! Sentia-me, no entanto, aturdida, cansada e com dificuldade de pensar. Acreditei que houvera sido operada e que ali me encontrava em justa convalescença.

Todavia, quando o vovô Coutinho (4) me apareceu e falou-me com carinho da ocorrência dolorosa, não pude dominar o pranto volumoso que me afogou por momentos.

Ele pediu-me calma e confiança, a fim de que eu não viesse a piorar do estado orgânico remanescente da viagem recém-concluída. Era-me, porém, impossível controlar-me... A morte estava em nosso programa e constituía, naquele momento, uma tragédia inconcebível.

Repassei, desesperadamente pelo pensamento, as cenas do nosso amor e do nosso lar: mamãe, você, os filhinhos e mais parentes tomaram vulto no meu coração e não há como dizer o que se passou em mim.

Recordei-me, providencia/mente, da Mãe de Jesus ante a cruz e comecei a pedir-lhe socorro... Adormeci por algum tempo que não pude anotar.

Posteriormente, mais calma, vim a tomar conhecimento de todos os sucessos havidos.

Misturei com lágrimas, agora sem desespero, o nosso lar. Pensei nos queridos Leonardo e Bruno (5), esses anjinhos que o Céu nos confiou e entreguei-os à proteção da Mãe de todas as mães.

Com 36 anos e 8 meses (6) tal drama não me poderia afetar! No entanto, a realidade suplanta a própria fantasia e não teria como alterar o já acontecido...

Passei a receber notícias suas e dos nossos através do vovô e de outros amigos que passaram a visitar-me, trazendo-me ânimo, encorajamento.

Passei a ouvir as suas interrogações, os seus apelos e o seu desejo de notícias.

A separação, eu sei, é dolorosa para todos.

Você, no entanto, merece recompor a família oportunamente. Como eu não tive a honra de ser-lhe esposa por muito tempo, hei de ser qual mãe afetuosa de quem lhe ajude a educar os nossos filhos e lhe constitua braço amigo, na jornada de redenção...

Você me considera um diamante em sua visão artística, rica de beleza, e eu o tenho, alma querida, como o Sol que me aqueceu e ilumina a vida.

Hoje eu sei que a nossa temporária separação física tem raízes no passado espiritual, que procuro penetrar para entender.

Não é fácil, por enquanto, compreender tudo. Confio que, com mais tempo, me adestrarei nestas questões, incorporando-as ao meu ser.

Escrevo-lhe sob o auxílio de bondosa Mensageira da Caridade (7) que me conduz a mão e orienta o pensamento, para que, de futuro, eu possa fazê-lo melhor. Assim, o nosso 16 de agosto (8) não representa o fim, senão o início de uma nova etapa, que ora nos reúne em imensa comunhão de felicidade.

Tenho visitado os filhinhos e familiares, captando o pensamento de tristeza e saudade, especialmente em dezembro, no do meu aniversário (9) e no dia do Natal... Em ambas datas estive em casa, igualmente comovida. Agradeço-lhe e à família a Missa, (10) as preces, as lembranças.

Sua esposa cresce para Deus e para a Vida, a fim de merecer você, os filhinhos e os nossos, oportunamente.

Em você abraço os familiares queridos e beijo Bruno e Leonardo com a alma em prece.

Com toda a ternura de quem o ama indefinidamente, sou a esposa igualmente saudosa e grata por tudo quanto você me proporcionou e continua sendo, a sua

Mosinha
Carmosina Coutinho Politano (11)

IDENTIFICAÇÕES

- (1) – Nome do destinatário.
- (2) – Causa mortis da missivista.
- (3) – Havia tido um sonho premonitório a tal respeito.
- (4) – Personalidade real, da família e já desencarnado.
- (5) – Filhos do casal.
- (6) – Dado absolutamente exato.
- (7) – “Mensajeira da Caridade” – Refere-se a Joanna de Ângelis, mentora do médium.
- (8) – Data da desencarnação de D. Carmosina.
- (9) – Dado correto.
- (10) – Foram realizados atos litúrgicos da Igreja Católica.
- (11) – Nome correto da missivista.

João Edson dos Santos

João Edson dos Santos nasceu no dia 21 de novembro de 1953, na Fazenda da Serra, no município de Centralina, em Minas Gerais e desencarnou, tragicamente, no dia 7 de dezembro de 1985, na cidade de Uberlândia no mesmo Estado.

Era filho de João Eterno dos Santos e Maria da Glória Santos.

Cursara o 29 grau completo e era comerciante, dedicando-se à tarefa de representante comercial.

Foi casado com D. Lucilene Aparecida Comaccio Santos, de cujo consórcio nasceu, postumamente, o filhinho João Edson dos Santos Júnior. Havia adotado, anteriormente, a pequena Juliana.

A sua desencarnação brutal, por acidente automobilístico, violentou os corações da família e dos amigos, deixando uma grande lacuna em todos, face ao seu temperamento jovial e extrovertido, rico de sentimentos superiores.

O “Grupo Espírita da Prece”, em Uberaba (MG) estava regurgitante. Verdadeira multidão ali se comprimia ansiosa por notícias dos seus queridos já desencarnados.

Como de hábito, Divaldo Franco encerrava mais uma de suas jornadas doutrinárias pela Região e ali estava participando das atividades da Casa, igualmente em visita ao médium Chico Xavier e aos caros companheiros que militam naquela admirável Instituição.

Após os labores das leituras, comentários e psicografias, o médium baiano leu a página que recebera durante o trabalho, rica de emoções e detalhes probantes da imortalidade da alma, bem como da identificação irretorquível do missivista.

Os familiares presentes comoveram-se, e, posteriormente, declararam, conforme segue:

“A mensagem representa a certeza da verdadeira vida.

Há detalhes nela que somente a família podia saber.

As lembranças de João Edson são doridas, mas servem para acalmar nossos corações que, mais do que nunca, aprenderam que a vida continua e que o maior amor é aquele que desafia os túmulos.

É de se acrescentar que a informação prestada por João Edson, na mensagem, sobre o sexo do filho era verdadeira, pois nasceu um lindo menino que atende pelo nome de João Edson Júnior, em homenagem ao pai.”

Querida Lucilene, (1) rogo a Deus que nos abençoe!

Aconteceu o que jamais esperávamos. Afinal, a morte é questão que sempre consideramos em relação aos outros, como se nunca viesse a acontecer conosco. Estando tão próxima de nós, e, no entanto, não nos damos conta, ou preferimos ignorar, por comodismo ou imaturidade...

Foi o que me sucedeu, no sábado, dia 7 de dezembro do ano passado. (2) Com certeza não estava na minha mente a suposição de que aquela seria a minha última viagem no corpo. O acidente me espreitava, para o qual eu não me encontrava preparado.

Morrer é acontecimento grave e eu nunca me dera conta da sua grandeza...

Tudo foi tão rápido para mim, que tenho dificuldades de relacionar detalhes. O certo é que me senti projetado fora do corpo, como se houvesse sido arrancado de uma roupa, sem os cuidados necessários. Não sofri, porque um torpor demorado invadiu-me, fazendo-me perder a consciência, que vou recuperando, a pouco e pouco.

Lentamente, as impressões me vêm chegando e vou-me acostumando à realidade nova sem que me desembarace das lembranças.

No hospital para onde fui conduzido, não pude imaginar o que houvera acontecido, logo despertei com a mente anestesiada. Supus, que se tratava de algum novo pavilhão de algum nosso hospitais de Uberlândia, para onde eu fora removido, quanto me lembrei do acidente.

Os enfermeiros e médicos que me atendiam eram silenciosos e não respondiam às minhas perguntas, limitando-se a aconselhar-me confiança e repouso e afirmando que tudo estava bem. Eu certamente me sentia amparado, no entanto, a sua falta e de mais alguém conhecido ou membro da nossa família tornou-se uma inquietação que eu não conseguia controlar. Foi a tia Joaquina (3) quem me arrancou dessa situação, quando se aproximou, risonha, dando-me boas-vindas e afirmando-me que eu estava em convalescença espiritual, continuando a viver...

A surpresa levou-me a um quase desespero, porque me recordei de que ela houvera morrido, onze anos atrás. (4) Ela me deixou chorar, após o que me falou a respeito das novas responsabilidades, levantando-me o ânimo e impulsionando-me para o reequilíbrio.

Não tenho como dizer-lhe, o quanto sofri, e, imagino, por minha vez, as suas dores.

Agora, porém, isto não é importante, já que estamos numa fase de renovação, tanto você, quanto eu, graças à fé que você vem amalhando no coração, ante o carinho da tia Norma (5) e de todos que a amparam no trabalho em nossa Casa Espírita. (6) Observe quanto Deus é Pai de Amor e de Misericórdia! Ambos anelávamos tanto por um filho; esperamos que viesse o anjinho renascer pelo nosso corpo e ele parecia indeciso. Aceitamos em casa a querida Juliana (7) e, quando já nos íamos realizando, eu retornei... É aí que o apoio do Senhor nos chega, porque, você já grávida e nenhum de nós sabia naquele dia da viagem para cá. (8)

Desse modo, estou feliz, porquanto ficará em nosso lar, o dileto filhinho (9) que vem chegando para diminuir, pelo menos, um pouco, a ausência física do pai. Louvado seja Deus!

Estou muito feliz por dirigir-lhe estas palavras, que estão sendo orientadas pelo nosso Alfredo Júlio (10) que me tem sido um pai espiritual, ensinando-me comportamento e agora adestrando-me nesta arte nova para mim.

Estou informado de todos os sofrimentos, que desabaram sobre nossa família, desde aquele dia...

Soube que, logo depois, veio também, por acidente o Luiz (11), e, ainda, em janeiro, o Carlos Humberto... (12)

Posso avaliar a extensão de tantas dores e como deve estar dilacerado o coração da vovó (13), cansada de trabalhos e provações. Deus, no entanto, proverá e, lentamente, os quadros da serão regularizados, trazendo à normalidade todas as coisas.

Seja a portadora do meu carinho aos familiares, e peço, à tia Norma, sempre abnegada e lúcida, o esteio emocional da família, que prossiga a fiel intermediária das forças do Bem, a todos dispensando ânimo e confiança em Deus.

O vovô (14) aqui está comigo, assim como o Luiz. Quanto ao Carlos, tenho notícias de que está amparado, embora eu ainda não o haja encontrado. Não parece importante a forma pela qual ele veio para o nosso mundo de origem. Peço à família que se acalme e aguarde resposta do Céu, que nunca falta. Agora é necessário que a oração nos preencha os espaços da mente, a fim do que todos nos renovemos e nos preparemos para o reencontro futuro, que nos reunirá sem adeus nem ansiedade...

Você é jovem, esposa querida, e superará este transe, conforme já vem ocorrendo. Os Bons Espíritos lhe concederão a ajuda para crescer e amparar, educando nosso filhinho que está a caminho.

Eu peço a Deus que o abençoe e o faça um serafim de amor junto a você e aos nossos familiares, o rapazinho que irá proteger a nossa Juliana.

No mais, ame e trabalhe pelo bem.

Quando sofrermos, compreendemos melhor o que significa a dor. O quanto são úteis as palavras amigas e os gestos de bondade dirigidos àqueles que estão crucificados.

Agradeço à tia Norma por tudo, e por havê-la trazido aqui, nesta noite.

Beijando a família amada, a todos da nossa casa, à Juliana, ao Benites(15), muito comovido, rogo a Deus que a proteja e ampare sempre.

O esposo dedicado e saudoso, porém, confiante e sempre carinhoso,

João Edson

João Edson dos Santos

IDENTIFICAÇÕES

- (1) – Lucilene – Lucilene Aparecida Comaccio Santos – Esposa.
- (2) – Sábado, dia 7 de dezembro do ano passado – Data confirmada.
- (3) – Tia Joaquina – Joaquina das Dores Marques Arantes, tia materna desencarnada no dia 07.12.74.
- (4) – Fazia 11 anos. Correto, conforme anotado acima.
- (5) – Tia Norma – Dra. Norma Marques Benites, tia materna, que levou Lucilene ao Grupo Espírita da Prece, em Uberaba, Minas Gerais, visando notícias de João Edson.
- (6) – Casa Espírita – Centro Espírita “JOANNA DE ÂNGELIS”, com sede em Uberlândia, Minas Gerais, onde Lucilene freqüenta, juntamente com os tios Benites e Norma e que João Edson, embora não sendo espírita, facilitava-lhe a freqüência às reuniões semanais, dando-lhe apoio na participação de atendimento às crianças carentes ali assistidas.
- (7) – Juliana – Juliana, garota menor, recebida carinhosamente, como filha, pelos dois, que embora consorciados há quase quatro anos não tinham filhos.
- (8) – Já grávida e nenhum de nós sabia naquele dia da viagem para cá – Lucilene encontrava-se grávida, de três meses, sendo que o casai não sabia de seu estado de gravidez, o que foi constatado depois da desencarnação de João Edson. Aliás, esta gravidez era carinhosamente esperada por ambos.
- (9) – O dileto filhinho – Nasceu, realmente, um filho varão.
- (10) – Alfredo Júlio – Alfredo Júlio Fernandes, líder espírita, desencarnado em Uberlândia, Minas Gerais, em julho de 1937, sendo um dos responsáveis pelo Movimento Espírita de Uberlândia nas décadas de 20 e 30. É de se observar que o acidente que ocasionou a desencarnação de João Edson se deu na travessia da Rua Alfredo Júlio Fernandes, cuja denominação foi dada em sua homenagem.
- (11) – Luiz – Luiz Paes Leme Júnior, primo, em segundo grau, desencarnado, por acidente, em 18.12.85, nas proximidades de Centralina, Minas; Gerais.
- (12) – Carlos Humberto – Carlos Humberto Parreira, primo, em primeiro grau, desencarnado em 27.01.86, na cidade de Goiatuba, GO.
- (13) – Vovó – Arquidame Marques Parreira, avó materna, com 73 anos de idade e que, por ocasião do falecimento de João Edson, encontrava-se hospedada na casa dos pais dele, sendo, diariamente, acarinhada pelo neto.
- (14) – Vovô – Aurelino Marques Pereira, avô materno, desencarnado em 15.08.67, em Uberlândia, Minas Gerais.

(15) – Benites – Dr. Ulysses Soares Benites, tio por afinidade, que se encontrava presente à reunião do Grupo Espírita da Prece, em Uberaba, Minas Gerais.

NOTA EXPLICATIVA – D. Maria da Glória dos Santos, também, no Grupo Espírita da Prece, em Uberaba, Minas Gerais, em contato com o médium espírita DIVALDO PEREIRA FRANCO recebeu outras informações de ordem pessoal, vindas do filho querido, para si e, para serem transmitidas ao seu marido João Eterno dos Santos, e, que por se tratar de assuntos estritamente familiares não foram mencionados na mensagem, trazendo, aos mesmos, que não são espíritas, a veracidade do intercâmbio espiritual e a certeza de que João Edson vive em outra dimensão, no chamado “Mundo Espiritual”.

Fernanda Maria de Souza Abrahão

Fernanda Maria de Souza Abrahão, filha de Abdulatif João Abrahão e de Dulce Maria Pereira de Souza Abrahão, nasceu em Bebedouro (SP), a 25 de dezembro de 1965 e desencarnou a 31 de agosto de 1986, aos 20 anos, vítima de acidente automobilístico, próximo à cidade de Araraquara (SP), para onde foi levada ao hospital, no qual veio a falecer, após dez dias.

Bonita, alegre, sincera, muito organizada, Espírito nobre e independente, era filha de uma família abastada, poderia ter tudo quanto sonhasse, mas, se destacava pela sua maneira de ser, simples e discreta.

Era prestativa e responsável, pois que, desde jovenzinha assumira compromissos que cumpriu até a data de sua partida. Assim foi com a doença da avó “Nina”. Esteve à cabeceira da avó querida muito paciente e carinhosa, amparando-a em sua dor. Depois, com a partida de sua avozinha para o mundo espiritual, substituiu a ausência da mesma, indo para a casa do avô, e ali foi a meiga neta, a governanta da casa, a amiga, não se descuidando de nada, tomando sempre todos os cuidados para o bem-estar daquele ser querido.

O mesmo aconteceu, quando da partida para o mundo espiritual de D. Maria Lenira, a genitora do noivo Sérgio. Ela preencheu o vazio que deixou a mãe amada, do noivo querido, sendo, para ele, a mãe, a amiga, a irmã, a companheira e a noiva querida.

Amiga dos humildes, mantinha belíssima relação de amizade com os empregados da firma de cereais de propriedade da sua família, assim também com as que trabalhavam em sua casa e na do avô, as queridas Bilu e Benedita.

Formou-se em Contabilidade e Magistério, tendo habilitação em Pré-escola. Exerceu porém, a profissão de professora Pré-escola, na Escola Particular “Cuca Legal” de sua e de propriedade de sua mãe. Era muito querida pelas colegas e por seus alunos.

Nos últimos meses que antecederam a sua partida para o mundo espiritual, pressentia que não se casaria com o noivo Sérgio, seu primeiro e único amor. Falou isto às primas e tias, pois notava uma mudança em sua vida.

Sua partida, abalou a nossa pequenina Serra Roxa (SP), onde Fernanda era uma jovem muito querida por todos.

(Dados biográficos escritos pela genitora, D. Dulce Abrahão)

Divaldo Franco excursionava pelo Triângulo Mineiro e havia reservado o dia 6 de março para estar com o venerando médium Chico Xavier.

Participara, à tarde, da convivência na “Vila dos Pássaros Pretos”, onde proferira a palestra para o consolo dos ali presentes, ao lado de Chico, durante a distribuição de auxílio aos necessitados.

À noite, após visitar o amigo, no seu lar, no “Grupo Espírita da Prece” psicografou a consoladora mensagem que foi selecionada para formar a presente Obra.

A destinatária da carta, Sra. Dulce Maria, ouvindo-lhe a leitura sob forte emoção, naquela memorável noite, escreveu ao médium posteriormente, de cuja correspondência extraímos alguns tópicos que confirmam a legitimidade da mensagem, rica de detalhes desconhecidos do mesmo.

A respeito da mensagem psicografada, D. Dulce relata o que segue:

“Movida pela dor e consolo para meu coração dilacerado pela perda de minha querida filha Fernanda, embora católica, orientada pelos meus familiares espíritas, fui até Uberaba (MG), ao “Grupo Espírita da Prece” em busca de notícias de minha filha, pois soubera também dias antes que o médium Divaldo Pereira Franco, residente em

Salvador, Bahia, orador espírita e também dotado da mediunidade psicográfica, ali estaria em visita ao amigo e confrade Chico Xavier. Aumentaram, assim, as minhas esperanças em obter uma carta mediúmica de minha querida Fernanda. Eram dezenas de pessoas; mães, que ali se encontravam como eu, em busca de consolo, alívio e orientação, através dos queridos Chico e Divaldo.

À tarde fomos ao “abacateiro”, local onde Chico distribui donativos aos necessitados. Lá estavam os dois médiuns Chico e Divaldo. Enviei bilhetes e fotos de minha filha aos dois. Assim com eu, muitas mães faziam o mesmo pedido. Ali, Divaldo fez uma linda palestra. À noite, voltamos ao “Grupo Espírita da Prece” onde se realizam as palestras evangélicas e os trabalhos de psicografias em público.

Estava orando e pedindo à minha filha que me enviasse, pelo menos uma frase. Soube, por outras mães que ali estavam e que tantas vezes lá estiveram, das dificuldades das notícias.

Consegui chegar perto do nosso querido médium Divaldo, quando ele chegara ao portão de entrada do “Grupo Espírita Prece” e ali, rodeada de muitas pessoas que também procuravam sua oportunidade, consegui, rapidamente e chorando, me dirigir a ele:

– Divaldo, traga, ao menos, uma palavra de minha filha. Ao que me respondeu: – Calma, filha, confie em Deus! Ela é um Espírito muito bom.

Assim entramos e foram iniciados os trabalhos da noite. Não consegui entrar na sala, onde se realizam os trabalhos. Eram dezenas de pessoas. Fiquei do lado de fora, no pátio. Às vezes, chegávamos às janelas, mas só mesmo por algum lugarzinho, que nos era cedido por bondade das pessoas, é que conseguíamos vê-los psicografando.

Eram quatro médiuns: Chico, Divaldo, um senhor e uma senhora que me eram desconhecidos.

Ali ficamos horas, aguardando ansiosos. Afinal, terminadas as psicografias, ouvimos o nome da minha filha – Fernanda Maria. Era o médium Divaldo quem anunciava que aquela carta era de minha filha Fernanda dirigida a mim. Foi a primeira mensagem lida naquela noite.

Foi uma emoção, que não possuo palavras para me expressar. Saí correndo, não sentido os pés no chão. Parecia que eu voava, que era levada no ar. Abrindo caminho entre as inúmeras pessoas, parecia que corria ao encontro de minha filha. Não sei como consegui chegar perto de Divaldo. Meu coração batia acelerado e minhas lágrimas e a de meus familiares fizeram comover a todos que ali estavam. Foi uma emoção que só mesmo os que perdem seus filhos, podem avaliar.

A mensagem, lida ao microfone, comoveu a todos os presentes e foi motivo de grande alegria e consolo para toda a família e os amigos.

A sensação que senti, foi como se tivessem roubado minha Fernanda, e, naquele dia, eu a encontrasse sã e salva.

Obrigada, meu Deus, minha filha continua viva, muito viva, vindo confortar e alegrar nossas vidas, após seis meses de sua partida de nosso lar!

Obrigada, minha filha! Que Deus te abençoe!

Que Jesus ampare e proteja os médiuns Divaldo e Chico e todos os demais, cujas mãos abençoadas pela psicografia têm ido aos corações sofredores a paz, o consolo e a alegria de viver!”

Querida mãezinha Dulce (1)

Estou rogando ao seu coração santificado pela dor para que me abençoe.

Não houve tempo para dizermos adeus, naquele dia 31 de agosto do ano passado.(2) Aliás, foi uma dádiva de Deus, porque, em verdade, nunca podemos dizer esta palavra dorida, que parece representar o fim, a separação definitiva. É sempre um “até logo”, pois que prosseguimos vivendo, unidos pelo sentimento de amor, cada vez mais forte e pela razão, que nos fala de um futuro, no qual a nossa união jamais voltará a sofrer qualquer interrupção...

O coma demorado, no hospital de Araraquara (3), após o acidente, embora longo e macerador, foi muito benéfico para mim. Apesar de todos desejarem a minha recuperação, as divinas leis haviam estabelecido que era necessário retomar.

Hoje, posso repassar todos os acontecimentos que precederam a hora da morte.

O Monza prata (4) era o meu sonho e, ao tê-lo, a minha primeira idéia foi a de rogar as bênçãos de N. Sa. Aparecida (5), para a minha jóia. Assim, conforme nos recordamos, pedi ao Sérgio (6), o noivo querido, que me ensinasse a alegria de ir até lá. Acompanhados pelos seus avós (7) fomos pela madrugada, e, quando retornávamos, quase em casa, um Voyage (8) interrompeu-nos as alegrias, assinalando nossas vidas de forma definitiva.

Não posso detalhar o insucesso, porquanto sucedeu com a rapidez do relâmpago. O choque, o desespero e o apagar da consciência.

Não desejo relacionar tristezas, antes trazer esperanças, demonstrando a vitória da Vida sobre a morte e do amor colocado o ponte eterna de luz no abismo da aparente separação. ...Só mais tarde eu vim a tomar conhecimento que, na ocorrência lutuosa, voltou à Pátria a veneranda Dona Benedita...(9) Posso imaginar a dor volumosa que se agigantou no seu e no coração do paizinho idolatrado, da família querida. Fui e estou cientificada das aflições do noivo querido, no entanto, sei também que Deus sempre nos proporciona o que é de melhor para nós. Mais tarde agradeceremos tudo que nos sucedeu e viveremos felizes, sem qualquer temor, sem aflição, numa abençoada família, na qual, a presença do amor como expressão sublime da vida, será a nutrição das nossas horas.

Mãezinha querida, aqui estou arrolando lembranças, graças à bondade da avó Nina (10), que me recebeu com aquele mesmo carinho com que outrora nos embalava a toda a família.

Ela foi a luz que me chegou na hora do despertamento, clareando-me por dentro e enxugando as minhas lágrimas com as mãos de anjo de Deus, e sustentando-me na imensa saudade que parecia um punhal afiado, rasgando as delicadas fibras do meu coração.

Ainda estava enfraquecida, reequilibrando-me no hospital-colônia onde me encontro, quando a bisavó Ana Celestina (11) chegou risonha com o primo Cícero (12) e me trouxe o reconforto da esperança. Jovial e bem humorado, Cícero recordou-me de que ele também havia experimentado golpe rude igual ao meu, deixando os queridos pais de alma esfacelada. Recordei-me, então, do que lhe acontecera, e, abraçando-nos, choramos copiosamente.

Antes que a depressão tomasse conta de nós, a “vó” Nina chamou-nos a atenção, de modo a estimular-nos à coragem e à fé, a fim de que a minha convalescença, se fizesse mais rápida e compensadora.

Lentamente dei-me conta da realidade nova e fui induzida a pensar em termos de futuro. O passado, eram as recordações felizes do lar, rico de amor e de ternura, onde você e papai concederam tudo quanto pode propiciar a felicidade; eram as recordações

felizes do Juninho e do André (13), o carinho do Sérgio e a alegria de haver sido amada e de haver amado.

Agora, as perspectivas eram outras, chamando-nos para a construção do bem. Novos padrões de conduta e de trabalho foram-me apresentados e diretrizes mui diferentes daquelas a que me habituara surgiram-me como desafios.

Foi assim, que inesperadamente recebi a visita de Dona Maria Lenira (14), que havia partido antes de mim, ensejando-nos este amor infinito que nutríamos, Sérgio e eu. Fiquei comovida por revê-la e receber-lhe as palavras de carinho e de gratidão.

Agora acompanho o noivo querido e oro em favor do lar que eu não lhe pude oferecer.

O 25 de dezembro, quando aniversariava e me casaria com ele (15), tem outro sentido e significado diferente. Ele é jovem e belo, trabalhador e nobre, merecendo a ternura de uma alma feminina para enriquecer-lhe de beleza e felicidade a existência formosa. Eu os abraçarei no meu carinho e a terei como anjo querido, a quem confio a jóia dos meus sentimentos mais puros.

Você se recorda, mamãe, de que, na minha felicidade, eu afirmava que era tão ditosa, que fazia aniversário com Jesus, na Sua data? (16) Continuo com a mesma alegria, porque a morte é uma porta de redenção aberta para o infinito.

Ouvindo-a amargurada, e recebendo as suas e as interrogações do paizinho, pedi ao Cícero que, se utilizando da mediunidade da Tia Darly (17), diminuísse os seus sofrimentos, o que o querido primo buscou fazer da melhor maneira ao seu alcance.

Assim, mamãe, acompanhei-a até aqui bem como aos tios ansiosos por notícias.

O Cícero prossegue feliz e hoje muito alegre pela oportunidade que me está sendo concedida para esta primeira correspondência. Ele voltará a escrever proximamente e beija os paizinhos saudosos, meus queridos tios, pedindo-lhes bom ânimo e coragem na fé.

Apresenta-se o momento de interromper esta missiva. Não estava acostumada a este tipo de correspondência, nem me em contrava em condições para fazê-lo.

Desencarnar não é fácil, e o ajustamento à Esfera nova é muito complexo.

Não existe milagre de qualquer natureza, e toda conquista resulta de largo esforço e ampla luta.

Agradeço-lhe, mãezinha Dulce, o carinho e a confiança em Deus, o socorro dos tios, acompanhando-a até aqui.

Beije o paizinho, o Juninho, o André e abrace os familiares, o Sérgio, os amigos.

Sua filha, emocionada e reconhecida, sente-se feliz e pede-lhe para desfazer o meu quarto, isto é, começar a distribuir as coisas que me pertenceram. Elas devem felicitar outras pessoas, outras noivas... Guarde, apenas, algumas lembranças do nosso eterno carinho e do nosso perene querer bem. O mais, pertence à vida e deve fazer alegres aqueles que não o têm. Faça-o em memória da sua filhinha, aumentando-me a felicidade.

Beijando-a, mãezinha querida, e pedindo-lhe para que não chore mais, a sua menina, a sua princesinha de sempre, afetuosa e alegre,

Fernanda

Fernanda Maria de Souza Abrahão (18)

IDENTIFICAÇÕES

- (1) – Mãezinha Dulce – Nome da genitora.
- (2) – 31 de agosto do ano passado – Data da desencarnação da missivista.
- (3) – O coma demorado no hospital de Araraquara – Fato confirmado pela progenitora.
- (4) – O Monza prata era o meu sonho – Fato verdadeiro.
- (5) – Rogar as bênçãos de N. Sa. Aparecida – Detalhe correto.
- (6) – Sérgio – Nome do noivo que a levou à Aparecida, conforme se referiu.
- (7) – Seus avós – Referência legítima.
- (8) – Um Voyage – Anotação certa.
- (9) – Dona Benedita – Benedita Frantini Magioni, avó do noivo Sérgio, que faleceu no local do acidente, a 21.08.86.
- (10) – Avó Nina – Apelido de D. Maria Bution Abrahão, avó de Fernanda, desencarnada a 05.03.83.
- (11) – Bisavó Ana Celestina – Bisavó materna desencarnada há mais de 80 anos, e de quem jamais se falava na família.
- (12) – Primo Cícero – Cícero Pereira de Souza Neto, primo-irmão de Fernanda, desencarnado a 22.07.82, aos 21 anos, igualmente num desastre de automóvel.
- (13) – Juninho e André – Abdulatif João Abrahão Júnior e André Luís de Souza Abrahão, irmãos de Fernanda.
- (14) – Dona Maria Lenira – Mãe do noivo da comunicante.
- (15) – O dia 25 de dezembro, quando aniversariava e me casaria com ele – Dado correto.
- (16) –, *que fazia aniversário com Jesus na sua data?* – Dado confirmado.
- (17) – *Mediunidade da Tia Darly* – Dado igualmente confirmado.
- (18) – Fernanda Maria de Souza Abrahão – Nome correto da missivista.

Cel. Luiz Bruscathe Ramos

CEL. LUIZ BRUSCATHE RAMOS

Nasceu em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, em 21.06.32. Desencarnou, na mesma cidade, por infarto do miocárdio, em 12.06.84.

Filho de Octacílio da Silveira Ramos (desencarnado) e Ruth Bruscathe Ramos. Concluiu seus estudos ginasiais, no colégio “Júlio de Castilhos”.

Aprovado, na então EPPA (Escola Preparatória Porto Alegre), onde cursara três anos, seguiu para a Academia Militar das Agulhas Negras. Em 1955, assinando o livro do Ouro da Academia, finda seu curso de aluno, recebendo a espada de Caxias, no posto de Aspirante a Oficial. Promovido, posteriormente, a segundo tenente, desposa sua primeira e única namorada, Cerley Candal dos Santos. Deste reencontro de amor, nasceram três filhos: Luiz Bruscathe Ramos Filho, Lizandre e Luiz Gustavo.

Serviu em outros Estados, inclusive no Nordeste.

Em 1977 foi condecorado pelo então governador do Rio Grande do Sul, Exmo. Sr. Synval Guazzelli, com a medalha do Pacificador com Palma de Ouro, por serviços prestados com risco da própria vida.

Na vida de caserna foi amado, principalmente por seus comandados, onde os fazia sentir que, acima do chefe, do comandante, existia o irmão e o amigo.

Seus últimos instantes de vida física foram lindos: escrevendo a prece de São Francisco de Assis, quando a caneta deslizava, na última palavra, um mal-estar súbito, sem dor, lhe sobreveio. Colocando a mão no coração “este coração que tanto amou” sua cabeça pendeu sobre a mesa... Um anjo alçava-se aos céus. “SE POR ALGUMA CIRCUNSTÂNCIA EM MINHA VIDA EU TIVESSE QUE MATAR PARA NÃO MORRER, PREFERIRIA SER MORTO PARA VIVER”, costumava afirmar.

A palestra dessa noite de sábado comovia o auditório.

Divaldo Franco participava da reunião conforme sucede nos intervalos de suas viagens missionárias, quando aqui fica em Salvador, havendo psicografado a bela e consoladora mensagem que ora apresentamos.

A destinatária, D. Cerley Ramos, ouviu-a muito comovida, e, depois, afirmou:

– É o meu Luiz quem retorna, identificado e real, reafirmando o belo amor que nos uniu e prossegue, em clima de bênçãos. Sinto-me feliz por haver empreendido uma viagem tão larga, de Porto Alegre a Salvador e ser premiada com esta carta rica de beleza e de conforto moral.

Querida Cerley (1), alma da minha alma

Repouse no seu coração a paz que Jesus pode proporcionar.

Ainda me recordo: era terça-feira, dia doze de junho do ano passado. (2) A ocorrência foi tão inesperada quão dolorosa... A cirurgia vitoriosa (3) nos acenava grandes esperanças de longevidade orgânica, embora os desígnios de Deus fossem diferentes...

Desse modo, quando me senti tombar no solo, teu desespero tentando reabilitar-me, o expediente da respiração boca-a-boca (4) já não podia resolver a questão, porque havia chegado o momento de deixar o corpo, que me fora gentil anfitrião pelos abençoados anos da existência que ali findava...

Adormeci demoradamente, vindo a acordar em agradável leito hospitalar, tão semelhante aos da Terra, que me atribuí em recuperação, como se a morte não

houvesse sucedido... Aqueles que me atendiam, no refazimento, nada declaravam, explicando, sorridentes, que tudo estava bem e terminaria melhor... A tua ausência era-me prenuncio de algo muito grave, pois que, desde o nosso casamento sempre estivemos juntos, nas várias viagens a serviço, inclusive, por este imenso Brasil a fora... (5)

Foi nessa intranqüilidade, que meu avô Ramos (6) me apareceu e explicou-me sem dramatização a ocorrência do desligamento do corpo, por ocasião da minha última lembrança... Afirmou-me que te encontravas bem, considerando-se as circunstâncias do momento. Exortou-me à confiança e à coragem, eludiu fome quanto à grandeza da vida sobrevivendo à morte... Imaginarás quanto me foi exigido em renúncia e fé, em reflexão e lágrimas.

Passei pela tela mental todo o nosso idílio, quando, aos quinze anos da tua idade e dezenove da minha nos reencontramos (7) – porque nosso amor foi programado antes do corpo, almas queridas que já éramos. – Eu estava na Escola de Cadetes (8) e tudo eram sonhos, que a vida transformou em formosa felicidade.

Via, mentalmente, a chegada dos nossos filhos: Lizandre (9), Tetê (10) e Tavinho (11) como coroamento do nosso profundo amor.

Nesse estado de ânimo, foste trazida até mim, a fim de lenirmos as saudades e renovarmos as esperanças.

...Assim renasceram nossas forças. Foste diminuindo a medicação (12) e apoiando-te na prece e na fé no futuro sob a misericórdia de Deus. As notícias da minha paz, que te chegaram, funcionaram como um bálsamo, abrindo horizontes novos para futura felicidade.

...E de fato, a nossa, é a felicidade das recordações ditosas e as especulações da nossa ventura porvindoura.

Ouço-te e intercâmbio pensamentos contigo, estabelecendo uma ponte feliz, que nos constitui correio generoso.

Acompanho os filhos, e, neste momento em que te escrevo, estão comigo participando da missiva o avô Santos (13), nossa netinha Lorensa (14), perfeitamente integrados no programa da evolução.

Tenho procurado auxiliar nossa Lizandre e a querida netinha Joana Angélica(15), esse anjo que nos constitui bênção de Deus ao nosso coração.

Busco inspirar o Tetê, neste momento significativo da sua vida, tanto quanto procuro amparar o Tavinho, cujos receios noturnos devem cessar, através da confiança em Deus e da tua palavra amiga, animando-o a realizar os seus compromissos juvenis, assumindo as responsabilidades que o auxiliarão na vida de adulto.

Afirmo à minha sogra, sempre receosa, que fui eu quem a tem conduzido à escrita para ti. Já é tempo de ela conscientizar-se da grandeza da mediunidade, posta a serviço do bem. (16)

De tua parte, aprimora-te e exercita-te, facilitando-nos o intercurso psíquico.

Morrer é grave cometimento. Também nós, os que aqui nos encontramos, sentimos saudades e os espaços que se abrem, ficam aguardando preenchimento com a chegada dos seres queridos, que passamos a aguardar, confiantes, tão logo concluam tarefas que lhes dizem respeito.

Assim, alonga os teus dias na ação do bem, para que nos reencontremos sem retentivas na retaguarda.

Nosso amor é um elo de luz que nos mantém unidos.

Recordas-te que as nossas famílias diziam com certo humor que éramos tais Romeu e Julieta? (17) Pois bem, daqui a visão e vivência do amor são infinitamente maiores, mais significativos e mais profundos, porém sem mágoa, nem pressa, nem angústia.

Visito muito a vovó Ruth (18), cuja vitalidade vai diminuindo, fiel à tarefa em vitória de mãe, de esposa, de irmã e de amiga a que se afeiçoou durante os longos anos de renúncia e trabalho, de dedicação e amor.

Retorna aos nossos pagos (19) com o coração apoiado na paz e com as mãos ricas de bênçãos, que deveras esparzir pelos caminhos do futuro.

Segue adiante, sorrindo e aguardando o nosso dia venturoso que raia suavemente conforme brando e santo tem sido o nosso amor profundo.

Coloco o ponto final nesta carta, o que não significa que iremos interromper as nossas notícias.

Estou trabalhando muito em favor de nós ambos e de nosso próximo.

Resido num Parque muito belo, que reconheço não merecer.

Reunindo toda a família em ternura e carinho e a todos beijando, repito-te, alma querida, nosso amor vive e jamais morrerá, porque é vitalizado pelo divino amor de Deus. Até sempre, e sempre afetuoso, o teu de sempre,

Luiz

Luiz Ramos

IDENTIFICAÇÕES

- (1) – Cerley – Esposa do comunicante.
- (2) – Terça-feira, dia 12 de junho do ano passado – Data correta.
- (3) – O comunicante fora submetido a cirurgia cardíaca.
- (4) – D. Cerley usou a técnica referida para reanimá-lo.
- (5) – Fato confirmado, já que sendo militar, viajava muito a serviço e a esposa o acompanhava.
- (6) – Pai do comunicante, desencarnado e assim carinhosamente chamado.
- (7) – Dados corretos.
- (8) – Aluno da EPPA (Escola Preparatória de Cadetes de Porto Alegre).
- (9) – Lizandre – Filha.
- (10) – Teté – Filho. Luiz Bruscathe Ramos Filho.
- (11) – Tavinho – Filho. Gustavo Bruscathe Ramos.
- (12) – Em razão do choque experimentado com a partida do esposo, D. Cerley, sob assistência médica, passou a usar medicação apropriada que, a partir da referência na mensagem passou a diminuir.
- (13) – Sogra do comunicante, também desencarnado.
- (14) – Lorenza – Netinha do comunicante, igualmente desencarnada.
- (15) – Netinha encarnada.
- (16) – Realmente a sogra vinha captando mensagens, que transmitia com receios injustificáveis.
- (17) – Expressão usada pelos familiares, a respeito do amor que unia o comunicante à esposa.
- (18) – Mãe do comunicante. Encarnada.
- (19) – D. Cerley é do Rio Grande do Sul.

Roberto Eduardo Magnavita de Menezes

Roberto Eduardo Magnavita de Menezes, nasceu no dia 04.05.60 na cidade de Ilhéus (BA), desencarnando em Salvador (BA), no dia 14.02.86, com 25 anos de idade, por suicídio, atirando-se da janela do edifício onde residia, no 7º andar.

Filho do Sr. Elson Lima de Menezes e D. Lêda Maria Magnavita de Menezes, foi o segundo filho do casal, tendo uma irmã mais velha, outra depois dele e um irmão caçula que, na ocasião do seu passamento, contava 13 anos.

Cursou a primeira parte dos seus estudos em Ilhéus, vindo completá-los em Salvador, onde passou a residir, a partir de 1974, quando seus pais para cá se transferiram.

Roberto era um jovem aparentemente tímido, possuía poucos amigos, emocionalmente inseguro e adorava o aconchego da família.

Sua diversão predileta era tocar cavaquinho, quando passava horas e horas dedilhando os acordes musicais de sua preferência com tal esmero como quem buscasse nos mesmos a solução para seus conflitos íntimos.

Excelente filho, bom amigo e companheiro, carinhoso e meigo, sua mansidão a todos cativava. Era de boa aparência física, considerado por todos que o conheciam como um jovem bonito.

Durante os últimos anos que passou entre nós, parecia viver em busca de algo; possuía imenso desejo de vencer e acertar, embora o medo fosse eterno companheiro.

No sábado, 14 de junho de 1986, Divaldo encontrava-se em Salvador e participou da reunião doutrinária do Centro Espírita “Caminho da Redenção”.

O tema da noite, inspirado na Caridade, abordava a virtude por excelência, enquanto sucessivas ondas de paz e amor dominavam o auditório atento.

Divaldo psicografava, visivelmente comovido, percebendo-se que o missivista do Além chorava através do médium, à medida que mandava as suas notícias aos familiares queridos.

Concluída a escrita, para surpresa e emoção geral, Roberto nos trouxe esta bela e oportuna lição, na qual nos demonstra a interferência obsessiva no suicídio, chegando o seu drama a ser o de um assassinato espiritual.

A respeito da sua mensagem, eis como a recebeu sua genitora, que estava presente à reunião:

“Era um sábado, dia 14.06.86. Completava 4 meses do falecimento do nosso querido filho. Nossos corações encontravam-se desolados e tristes. Fui à reunião, na “Mansão do Caminho”, como de costume, acompanhada pelo meu caçula e uma amiga.

Nunca havia assistido a uma reunião na qual Divaldo psicografasse. Aquela expectativa despertou-me a vontade de receber notícias do filho, porém, não imaginei que fosse naquele dia. Iniciou-se a reunião, e após a prece, Divaldo começou a psicografar. De repente uma forte emoção invadiu-me o coração, e, à medida que sua mão deslizava rápida sobre as páginas, quase tive certeza de que aquela mensagem seria dele, que meu filho estaria de volta ali, embora eu não pudesse vê-lo.

Quando Divaldo terminou e passou a ler as mensagens recebidas, realmente não me havia enganado, a primeira foi a nossa. É difícil descrever a emoção que senti. É um misto de alegria, saudade, felicidade, tristeza e principalmente gratidão a Deus que, na Sua infinita misericórdia, não nos esquece. Agradecemos também a ajuda e o carinho da nossa querida Joanna de Ângelis que o auxiliou nesta e na outra comunicação.

Estas mensagens nos trouxeram muito conforto e nos deram uma nova dimensão da vida e principalmente da morte.”

Mãezinha querida:

Seu filho está chorando de felicidade, embora o infortúnio que desabou sobre nós. Não tem sido fácil para você, nem para mim, a vida nestes últimos tempos. Só a confiança em Deus nos dá coragem para vencer cada dia, esperando o amanhã, que há de ser melhor do que o ontem e o hoje.

Venho escrever-lhe, a fim de asserenar-lhe a alma sofrida.

À medida que o tempo transcorre, mais você sofre, e eu participo das suas agonias...

Ouçõ o seu pensamento, vejo as suas lágrimas e tenho mágoa de ser o responsável por este estado de agonia, que eu nunca imaginei iria acontecer.

Eu sabia que você me amava, pois era a mãe confiante do filho inquieto e inseguro. Todavia, você me ama além do que eu imaginava. Só o amor materno é capaz de tanta doação, que eu não consigo avaliar.

Sempre instável, eu era um sofredor. O medo me perseguia sempre. Eu procurava disfarçar, sem conseguir êxito. Procurava vencer, sem ter forças. Buscava amparo sem crer nele. Tudo me era mais difícil do que se possa imaginar.

Que eu me recorde, tudo começou ou se foi agravando, ainda quando morávamos em Ilhéus (1), logo que nos mudamos para cá... as dúvidas e incertezas a respeito de mim mesmo saltavam-me e eu me atormentava entre a agressividade em pressão, tentando fugir, consumir-me.

Você tentou, todos tentaram ajudar-me sem resultado, não conseguia ajudar-me. E isto foi a minha ruína.

Hoje é dia de recordações. Ouvi você em casa lembra se de mim, como tem feito todos os dias; pior, quando reto do Rio, e não me encontrou, nos dias de jogos do Brasil, sem Q seu Roberto, e mais particularmente, neste dia 14, que recorda aquele dia 14 de fevereiro... Noite cruel, madrugada dolorosa. (2)

É como se tudo estivesse programado, para acontecer o drama trágico.

Antes, um pouco, depois de um dia amargo e deprimente, eu me sentia regularmente... O telefone tocou, chamando-me. Não sei se você se recorda. Eu não queria sair, mas, a insistência foi tal que resolvi atender. (3) Retornei tarde. Eu me recordo que eram quase três horas da manhã. Ainda tentei manter-me calmo. Eu estava num turbilhão. Tomei banho. Nova crise, sem saber por que ou como, uma força terrível levou-me ao gesto de loucura. Conscientemente eu não queria atirar-me lá em baixo. Eu sabia que não tinha este direito. Eu não podia fazer aquilo, porque iria ferir você, toda a família...

Dominado por uma ação maior do que as minhas resistências, impulsionou-me ao salto no espaço. Quis gritar e a voz morreu na garganta. Quis recuar e era tarde. Foi rápido demais. (4)

É certo que, de quando em quando, eu pensava no suicídio. No íntimo, porém, eu queria viver, necessitava de viver... Faltava-me alegria, equilíbrio.

Você recorda que eu não conseguia levar nada adiante: nem estudos, nem trabalhos, nem amigos... (5)

Agora são dolorosas recordações e muito sofrimento.

Não lhe oculto o quanto sofri e prossigo experimentando como é natural.

Foi num momento impossível de descrever, que vovó me apareceu, amparando-me, em nome de Deus... Adormeci, sem ter paz. Pesadelos terríveis me assaltavam. A queda no espaço, o arrependimento, o desespero se afiguravam como horror infernal.

Eu me recordo que ouvi uma voz me chamando. Ao despertar, apesar do torpor, vi um sacerdote vestido de cor clara, que me disse: “Roberto, eu sou Eduardo, que antes

fui bispo em Ilhéus e venho dizer-lhe que tudo está bem.” (6) Senti uma grande calma e então, consegui adormecer novamente...

Não posso reunir todas as lembranças para narrar aqui.

O que desejo dizer-lhe é que não sofra mais. O seu sofrimento me perturba. Acalme-se e aceite esta dolorosa realidade, oofniando no tempo. Amanhã será um outro dia para nós. A irmã Joanna de Ângelis, que me ajuda nesta carta, pede-me encorajá-la, a fim de que sejamos felizes. Deus não nos abandona e estou aprendendo a crer, a entender.

Eu prossigo internado em um verdadeiro hospital para suicidas como sou considerado, apesar dos atenuantes que me concedem a caridade de sofrer menos...

Peço perdão ao “velho” pai Elsito (7), que agora valorizo e procuro melhor compreender. Cumpridor dos seus deveres, eu reconheço, ele estava cansado de mim. Eu não fazia o necessário para agradá-lo.

Agradeço com carinho o Mimo com quem eu implicava, às vezes, até sem querer, a Nena e a Liana (8), pedindo-lhes que me recordem aos familiares dos seus corações.

Sempre será 4 de maio (9) para nossos corações. Nestes 26 anos de vida física (10), interrompidos naquele 14 de fevereiro, eu não pude crescer para Deus, nem para você, nem para ninguém.

Confio que agora será melhor para nós.

Prometa-me, mãezinha querida, que você se acalmará e viverá mais feliz, com isso ajudando o seu filho que prossegue necessitando do seu carinho, das suas orações, das suas ações do bem.

Altere meu quarto. Desfaça de muita coisa, agora sem sentido e que poderá ser útil aos desafortunados, em memória de mim.

Não me é permitido alongar-me por mais tempo. Quando Deus permitir, voltarei a dar-lhe notícias.

Esteja tranqüila e perseverante no Bem.

Com saudades e carinho a você e aos nossos, o filho sofredor e agradecido, sempre afetuoso e necessitado, que a beija, rogando a Deus por nós,

Roberto.

Transcorridos seis meses e dias (20.12.86), Roberto retornou, apresentando evidentes sinais de renovação, embora os impositivos redentores decorrentes do gesto tresloucado que lhe arrebatou a vida física.

Leiamos a sua segunda mensagem:

Meu querido pai Elsito, minha querida mãezinha Leda, estou aqui, rogando a Deus que nos abençoe!

Aguardei este momento com crescente ansiedade, receando não merecer a oportunidade.

Informado, há pouco, de que me fora concedido o ensejo, encontro-me emocionado e sob a direção da Benfeitora Joanna de Ângelis, tomo do lápis mediúnico para esta breve carta do coração.

Tudo é alegria em mim, porque, lúcido, adquiero responsabilidade e compreendo melhor a vida.

O sofrimento é fenômeno normal e não punição, ensinando-me a valorizar as dádivas de Deus que não soube ou não quis considerar, quando no corpo, mas, que agora me significam muito.

Lentamente vou superando-me, porque não penso no passado em termos de recordações infelizes, senão, como lições que me empurram para o futuro promissor.

Repasso as lembranças positivas e bendigo-as, considerando aquelas amargas, como necessárias para o meu progresso.

A terra não dilacerada pelo arado, jamais produz, realizando o mister, para o qual está destinada. Assim, também, é a criatura...

Hoje, ainda prossigo sob carinhoso tratamento espiritual, mesmo após estes 10 meses (11), que não significam muito, em nossa área de movimentação, nesta esfera da vida. Apesar disso, para os sentimento de saudade, representam um século de razão...

É tão difícil dizer o essencial quando o tempo está sob trole e o que nos cumpre esclarecer se encontra sob orientação

Acompanho os dias da mãezinha, com os seus altibaixos participo das suas preocupações. O seu pensamento me alcança com todas as interrogações que lhe pesam, no momento, na alma. Gostaria de poder respondê-las todas, mas o tempo e os deveres novos não me permitem.

Estou feliz pelo Mimo com a sua viagem aos Estados Unidos. (12) Perseverante ele conseguiu e eu sorrio de alegria, recordando-me das minhas implicâncias com o querido irmão, que, certamente, já me perdoou.

Estive no seu aniversário, mãezinha, no dia 3 de novembro, (13) e desejei falar-lhe, a fim de tranquilizá-la. Não me foi possível.

A correspondência, daqui, para aí, não é fácil e exige que muitos fatores se conjuguem, para que tudo resulte favorável.

Acompanho os passos da Nena e da Liana participando, de maneira diferente, do que lhes acontece no lar ou nas ansiedades da alma.

Peço a Deus que as acompanhe.

Meus queridos pais, este é um presente de Natal, que me pareceu significativo para oferecer-lhes hoje, agradecendo-lhes tudo quanto fizeram por mim e ainda o fazem.

Estou incumbido de dizer a D. Sônia (14), que o seu filho aqui presente, pede-me para dizer-lhe que, amanhã, celebrará o segundo aniversário da sua libertação ao seu lado (15) e que se sente muito feliz, profundamente reconhecido ao seu amor, beijando-a, afetuosamente.

Não me posso alongar mais. O essencial está apresentado.

Guardem-me nas suas preces.

... E, na noite do aniversário de Jesus estarei visitando nossa Casa, dizendo-lhes, desde já: Deus os faça felizes, meus pais, e perdoem o seu filho insensato!

Com o carinho pela família querida, que brota do coração, o filho arrependido, que luta pela redenção e os ama, sempre reconhecido,

Roberto

IDENTIFICAÇÕES

(1) – Ilhéus (BA) – Cidade onde nasceu e viveu o missivista desencarnado.

(2) – Estas informações são extraordinárias, pois que se referem a ocorrências reais, confirmadas pela genitora. *O dia 14, que recorda aquele dia 14 de fevereiro... Noite cruel, madrugada dolorosa*, constitui a recordação do suicídio, naquela oportunidade, quando Roberto atirou-se pela janela do 7º andar do prédio onde residia.

(3) – Este detalhe foi igualmente confirmado.

(4) – Referência à força espiritual adversária que o levou ao suicídio.

(5) – O missivista, realmente, padecia destas alternâncias de comportamento.

(6) – Dom Eduardo, foi um missionário amoroso, que viveu em Ilhéus e goza de muito carinho pelos seus feitos antes e depois da desencarnação.

(7) – Sr. Elsito – Genitor de Roberto.

- (8) – *Mimo, Liana e Nena* – Irmãos de Roberto. Os primeiros, são jovens e solteiros. Nena é casada e mãe.
- (9) – *Sempre será 4 de maio* – Data de aniversário do missivista.
- (10) – *Vinte e seis anos de vida física* – Informação confirmada.
- (11) – Realmente transcorreram 10 meses desde o dia da desencarnação do jovem.
- (12) – *Dado exato* – Viagem do Mimo aos Estados Unidos.
- (13) – Data correta, 3 de novembro.
- (14) – *D. Sônia* – Mãe de outro jovem que desencarnou em acidente e se encontrava presente à reunião.
- (15) – O filho de D. Sônia desencarnou há dois anos, na data referida, conforme elucidação da mesma senhora.

Jussane Cristina Leite

“Nossa filha Jussane foi algo muito especial que Jesus nos concedeu durante 19 anos e meio a fim de nos ensinar inúmeros exemplos de humildade sincera e altiva ao mesmo tempo.

Todos que a conheceram, sem exceção, a julgavam “quase artificial” tal era sua pureza de espírito, pois na maior parte de sua vida preferiu conviver com adultos e crianças em tenra idade. Seu lindo sorriso era uma constante, denotando uma incrível vontade de viver e doar-se ao próximo para que todos, à sua volta, sentissem como é bela a vida que o PAI nos concedeu, nesta existência.

Seu sentido de responsabilidade era tamanho que, quando ela chegava do colégio, seu pai, em tom de brincadeira, dizia para a mãe: “Neusa, sua Mãe chegou.”

Na época de sua volta ao mundo dos Espíritos, ela fazia, ao mesmo tempo, vestibular para a Faculdade de Medicina e instrumentação cirúrgica. Este último deu-lhe enorme satisfação e se realizaria profissionalmente, se não houvesse partido dois meses após sua formatura.

Tinha habilidades notáveis: sabia cozinhar (e gostava) como poucos, além de fazer deliciosos doces.

Essas mesmas mãos tocavam piano como um virtuose, preferindo o clássico, como o famoso ‘Pour Elise’ ou temas de Paganini, de Rachmaninoff...

Tinha mediunidade a florada, pois, mais ou menos 20 dias antes de seu desencarne, viu refletida a imagem de um Espírito com as características (dos quadros) do Mestre JESUS. (Refletido na porta de vidro de nossa sala, ficou radiante de alegria.)

Nasceu no dia 21 de junho de 1962, dia de Corpus Cristi, daí a razão de seu segundo nome, Cristina.

Amava a família além do que se possa chamar de normal. Sua afinidade com sua mãe era algo sobrenatural: as duas eram como que uma.

Teve um único namorado e dedicou-se a ele com muito amor e desvelo.”

(Escrito por D. Neusa Leite)

Divaldo Franco encontrava-se em tarefas doutrinárias pelo Triângulo Mineiro, e, em Uberaba, há três dias.

Participando das reuniões do Grupo Espírita da Prece, proferira, na tarde de 09.03.84, no Culto da Assistência aos Necessitados, na Vila dos Pássaros Pretos, onde Francisco C. Xavier distribui o amor e a caridade, expressiva palestra de consolação.

À noite, no encerramento das tarefas, no Grupo, psicografou a mensagem de Jussane dirigida aos seus pais, para a sua própria e a surpresa dos destinatários.

A respeito da mensagem, eis como se expressaram os genitores da missivista:

“Estávamos no Grupo Espírita da Prece, em Uberaba (MG), assistindo e vibrando com os trabalhos de Chico Xavier, quando fomos surpreendidos com a leitura da mensagem de nossa filha Jussane. Surpresos, pelo inusitado, pois estávamos esperando que ela se comunicasse pelo Chico. Foi, no entanto, através do Divaldo, que nossa filha nos trouxe uma mensagem de muito amor. A emoção foi indescritível, ante a circunstância singular e inesperada. Ficamos a noite sem dormir, lendo e relendo a mensagem, e agradecendo a Jesus mais esta graça imerecida.”

Querida mamãe Neusa, meu querido papai Jurandyr (1)

Jesus seja o nosso ponto de apoio nesta romagem de saudades, ideais refeitos e quase desembaraçada das compressões das lágrimas.

Abraço-os, hoje, cantando júbilos.

A lição das horas tem-nos ensinado, mãezinha querida, que o sofrimento é bênção de inestimável valor, que colocamos no coração ensejando-nos crescimento para Deus.

A sua Jussane, graças ao seu refazimento e à sua confiança, encontra-se quase feliz, não fosse a interminável saudade que, de quando em quando, se esgueira no coração e põe-se a conversar recordações... Nestes instantes, a bisavó Maria Leite (2) chega e, igualmente, de mansinho, sem que diga nada, reconduz-me à esperança do amanhã. Tudo bem, portanto.

Acompanho com alegria nossa Patrícia e o nosso Anderson (3) amadurecendo para a vida, já liberados das inquietações de antes, preparando-se para um futuro brilhante pelo qual todos que os amamos, anelamos com fervor. A vida são as experiências que arquivamos nos painéis da memória, constituindo valiosas lições para o nosso crescimento e a nossa libertação. Hoje, melhor do que ontem, vejo a realidade através de melhores vidros que não possuem grau que lhes deformem a realidade, e compreendo que o amor é o alimento mais importante para as almas, daí decorrendo que todos os infortúnios e desconfortos humanos são resultado da inobservância das leis que os regem.

Quando se ama, atinge-se a maioridade, a realização, e enquanto se quer o amor, sem a compreensão de o repartir entre os seres, tal não passa de uma condição infantil. Portanto, amemos além das fronteiras do Lar, ampliando-lhe a capacidade e tê-lo-emos enriquecido e redobrado em nós, à semelhança do grão de trigo que morrendo produz uma seara inteira enriquecida de bênçãos que se transformam em pão.

O nosso querido vovô Guerrero (4) prossegue comigo, o anjo tutelar. E o nosso Tiaminho (5), o amigo que se me fez devotado companheiro, prossegue auxiliando o Sr. Hélio e a Sra. Sayoko (6), seus pais inesquecidos, edificando um Lar que os reunirá mais tarde numa interminável festa de Paz.

Agradeço a Deus as atuais conquistas do Jorge Guilherme (7) que se refez e avança na condição de amigo querido com os olhos postos no futuro, edificando a humanidade ditosa por que todos aspiramos. Mãezinha Neusa, sempre que as angústias chegarem, recorde-se da nossa união espiritual e pense nas criancinhas esquecidas na orfandade, levando-lhes o calor de sua imensa ternura e do seu incomensurável amor. Há olhos que nos espiam e, apesar do pouco que possuímos, lamentam não desfrutar de uma parte sequer, já que neles, nesses corações, a escassez de paz e amor, de pão e de agasalho é muito grande, e o desconforto é imenso. Antes, não me dava conta, na minha juventude dourada, num lar feliz, numa família rica de carinho. Agora, com a visão ampliada, sem desejar advogar a causa dos sofredores, compreendo que possuímos em demasia e, por isso, a necessidade de doar-me a eles, um pouco mais, rogando a sua interferência e a dos nossos.

Por tudo, mãezinha Neusa e querido paizinho Jurandyr, agradecendo a presença dos corações queridos, abraço ternamente os nossos Anderson e Patrícia, beijando-os com a emoção de sempre e rogando-lhes que, à semelhança do passado, me abençoem.

A filha carinhosa, sempre afetuosa e reconhecida,

Jussane

Jussane Cristina Leite

Das anotações de Jussane, os seus pais nos encaminharam alguns fragmentos literários da sua lavra:

“Quando você perder algo, não fique muito triste, pois existe o consolo de se saber que, por pouco que fosse, você possuiu.”

•

“Se um dia, no futuro,
Eu não for o seu presente,
Lembre-se que já fui
Seu passado.”

•

“A saudade é, às vezes, boa, porque permite a certeza da volta.”

IDENTIFICAÇÕES:

- (1) – Mamãe Neusa e papai Jurandyr – Genitores de Jussane.
- (2) – Bisavó Maria Leite – Avó do Sr. Jurandyr, desencarnada em 1947.
- (3) – Patrícia e Anderson – Irmãos de Jussane.
- (4) – Vovô Guerrero – Avô materno desencarnado em 21.05.41.
- (5) – Tiaminho – Tiaminho Daikuara, que conheceu no plano espiritual e desencarnado em 25.01.80.
- (6) – Sr. Hélio e Sra. Sayoko – Pais de Tiaminho.
- (7) – Jorge Guilherme – Namorado da missivista.

Cícero Pereira de Souza Neto

Divaldo Franco retornara a Uberaba, na tarefa de divulgar a Doutrina Espírita, naquele mês de julho de 1983.

Dias antes, a 26, com a presença de Chico Xavier, foi feito o lançamento nacional da obra por ele psicografada em parceria com o querido médium mineiro, "... E o amor continua" no salão dos espelhos do Uberaba Tênis Clube, quando proferiu conferência e autografou livros com o querido companheiro, até a madrugada.

Nos dois dias seguintes, Divaldo esteve pregando nas cidades de Araxá e Prata (MG).

Volvendo a Uberaba, participou dos comentários da reunião do "Grupo Espírita da Prece", no início e no fim das atividades, enquanto Chico atendia ao volumoso labor de orientações espirituais em sala contígua.

Ao iniciar-se a tarefa do "Correio de Luz", na parte reservada à correspondência do Além, sem ter mantido qualquer contato com os pais de Cícero, pois sequer os conhecia, recebeu a carta que transcrevemos, dirigida a esses senhores.

A respeito da comunicação assim se refere D. Elida, mãe do desencarnado:

"A 29 de julho, lá estávamos outra vez, agora em companhia de uma nossa amiga, Branca, de Araraquara, que também perdera o esposo e ansiava por uma carta dele. Ela se encontrava muito angustiada.

Lá chegando, encontramos o "Grupo Espírita da Prece" em noite muito feliz, pois ali se encontravam duas pessoas maravilhosas do nosso meio espírita: Divaldo Pereira Franco e D. Zilda G. Rosin.

Foi uma surpresa maravilhosa! Que bom ouvir Divaldo! Suas palavras esclarecedoras calam fundo em nossos corações. D. Zilda, falando de seus filhinhos, transmite força e fé aos corações das mães saudosas. Todos enviavam bilhetes querendo notícias de seus entes queridos. Nós também enviamos os nossos.

Divaldo recebia os bilhetes e mensagens que chegavam até a mesa onde ele se encontrava e colocava-os, sem ler, numa caixa que ali estava.

Já ia alta a noite, quando Chico e Divaldo começaram a psicografar. Ali ficamos ansiosos acompanhando o lápis correndo sobre os papéis.

Terminados os trabalhos, já pelas quatro horas da madrugada, quando foi anunciada a primeira carta da noite. Que alegria! Era a do nosso amado Cícero. E desta vez veio pelas mãos abençoadas do nosso Divaldo.

Enquanto Divaldo lia, nosso coração emocionado e feliz agradecia: Obrigada, Senhor! Obrigada, Pai! Quanta bênção! As palavras de meu filho se referiam a tantas coisas, que realmente faziam parte de nossos planos. Só nós sabíamos. Que beleza! Como nosso filho já crescera na Espiritualidade!

E assim, mais uma vez fomos privilegiados por Deus. Que paz, que alegria saber que nosso filho, a nossa criança, prossegue vivendo, crescendo na prática do bem."

Querida mamãe Elida, meu querido papai Alencar (1)

Estamos unidos na mesma oração de ternura, rogando o amparo do Senhor para as nossas necessidades de crescimento espiritual.

Passaram os dias na velocidade das horas, e, do acidente que nos tomou o corpo na estrada entre Barretos e Bebedouro (2) ficou a certeza de um amor infinito que o tempo não consome nem a distância física logra diminuir. Há apenas uma semana celebramos a recordação da minha viagem para cá, no transcurso do primeiro aniversário daquela quinta-feira, 22 de julho do ano passado... (3)

Acontecimentos abençoados enriqueceram nossas horas e como é verdade que a dor estabeleceu uma matriz de incontida saudade, não menos verdade é que o amor desvelou-nos horizontes dantes jamais vislumbrados, apontando-nos os rumos felizes, por onde seguem os nossos pés ansiosos de vencer as distâncias.

Encontro-me engajado na escola do serviço, aprendendo com Cairbar Schutel (4) a realizar todo o bem ao alcance em nossa querida região, de modo a minimizar problemas, especialmente cooperando com recém-acidentados que aqui aportam ansiosos e inquietos quanto ocorreu comigo próprio, não há muito.

Travei contato de amizade com outro trabalhador da nossa Ibitinga ora atuando com os nobres obreiros da Vida, em auxílio aos corações sediados em nossa área terrena. Refiro-me ao amigo Dr. Flávio Pinheiro (5) que ora aqui se encontra, participando com os nossos familiares deste banquete de luz e de amor.

Não me olvido do seu devotamento e tenho procurado, quanto me permitem as oportunidades, servir com vocês na realização do bem. O avô Serafim (6), sempre abnegado, tem-me sido guia amoroso e paciente, ensinando-me a valorizar o milagre do tempo e a confiar na ação equilibrada sem a precipitação juvenil, nem os receios injustificáveis que assaltam os principiantes.

Por sua vez, a avó Maria Albina (7) tem-me oferecido a sustentação valiosa da devoção maternal, irrigando-me de esperança.

É, portanto, querida mamãe e querido papai, que retorno à suave-doce convivência com vocês, através do lápis, a fim de diminuir as angústias, reafirmando a afinidade e o amor com que argamassamos o edifício da nossa felicidade integral.

Ajamos no bem, sem exigências nem considerações descabidas, atendendo a dor conforme nos chegue, espalhando as sementes da paz por toda parte e da fraternidade em todo lugar.

O que possuímos, por mais insignificante, quando dividido com o nosso próximo se transforma em fortuna nossa e dele a realizar a obra dadivosa da caridade que liberta.

Não pensem, nem recordem de seu filho com os painéis da tristeza na mente. As peças orgânicas que foram destroçadas no choque das máquinas, haviam preenchido as finalidades superiores para as quais se destinavam, ensejando uma libertação abençoada, que um dia nos reunirá numa família sem marcas de aflição nem sinais de dor...

Envolve os manos queridos Luís Serafim e Elida Maria (8) em carinho, orando pela sua paz e confiando no seu progresso, na reencarnação que ora melhor do que ontem lhes faculta uma visão otimista do mundo, favorecendo-os com a oportunidade de crescimento e de paz.

Querida mamãe Élide, meu querido papai Alencar, gostaria de possuir tesouros de luz para oferecer-lhes como preito de gratidão, desde que as palavras emolduradas de doçura, por mais expressivas, não conseguem traduzir toda a riqueza dos meus sentimentos de gratidão pelo que vocês foram e são para com o seu filho, para com os meus irmãos.

Somente orando, consigo suplicar ao Pai que os acalme no amor e fortaleça na caridade, mediante cuja obra alcançarão a realização plena de uma vida dedicada à libertação.

Buscando crescer para melhor merecê-los, abraça os manos queridos e beija-os com emoção, o filho de sempre, sempre amoroso,

Cícero
Cícero Pereira de Souza Neto

IDENTIFICAÇÕES

- (1) – Elida e Alencar – Pais de Cícero.
- (2) – Estrada entre Barretos e Bebedouro – Local do acidente.
- (3) – Quinta-feira, 22 de julho – Data aniversária da desencarnação do missivista.
- (4) – Cairbar Schutel – Missionário do bem - desencarnado – espírita de escol da cidade de Matão (SP).
- (5) – Dr. Flávio Pinheiro – Destacado médico de Ibitinga (SP).
- (6) – Avô Serafim – Avô materno desencarnado em 19.06.82.
- (7) – Avó Maria Albina – Bisavó materna desencarnada em 28.05.60.
- (8) – Luís Serafim e Elida Maria – Irmãos de Cícero.

Rosemary Furtado Koerich

Rosemary Furtado Koerich nasceu aos 17 dias do mês de dezembro de 1957, na cidade de Florianópolis – Santa Catarina.

Primogênita do casal Antônio Koerich e Ony Furtado Koerich, desde a infância demonstrava vivos interesses pelos estudos.

Cursou o primário no Colégio Coração de Jesus e o secundário no Colégio Catarinense, ambos em Florianópolis.

Em dezembro de 1980, ano em que ocorreu o acidente que lhe ceifou a vida, concluiria o Curso de Economia pela Universidade Federal de Santa Catarina.

Descontração e alegria foram as expressões maiores de sua efêmera existência.

Ao contrário de sua irmã Jane, também vitimada no acidente, Rosemary, pela sua descontração, encontrava sempre alternativas nos embaraços criados por seus irmãos, desejosos em ver Rosemary envolvida e sem saída nas brincadeiras por eles colocadas.

Criativa, vivia com simplicidade. Da mesma forma vestia-se.

Aos quinze dias do mês de outubro de 1977 casou-se com Sidnei Noceti Filho, passando, a partir daquela data, a chamar-se Rosemary Furtado Koerich Noceti.

Tanto Rosemary como sua irmã Jane em suas mensagens fazem diversas referências ao seu companheiro e amigo Sidnei Noceti.

Sem nenhuma pretensão na assertiva, para nós, pais de Rosemary, conhecedores de sua descontração, leva-nos a imaginar tenha sido ela a incentivadora de sua irmã Jane, para que fosse a primeira portadora de notícias suas (mensagens) a seus entes queridos que permanecem neste mundo.

(Dados apresentados pelo casal Antônio e Ony Koerich)

Nesse mês de abril de 1983, Divaldo excursionava, pregando pelo Triângulo Mineiro. .

A noite de sexta-feira, 15, reservou para as atividades doutrinárias do “Grupo Espírita da Prece”, em Uberaba, ao lado do médium Francisco Cândido Xavier, havendo participado, por duas vezes, dos comentários doutrinários do tema em estudo.

À hora reservada às psicografias, recebeu quatro mensagens, entre as quais, a de Rosemary.

Sobre a mensagem de Rosemary, após entretecer comentários vários, assim se expressa o genitor, Sr. Antônio Koerich:

“Da sua mensagem de 15 de abril, duas frases, entre tantas outras, nos chamam a atenção: “Ninguém se credencia à paz sem que ofereça bênçãos de harmonia a todos que o cercam” e ainda, “Não é por outra razão que Jesus chama Deus, pelo nome mais doce e santo: meu Pai!...”

Quanta felicidade poder sentir que nossas filhas tenham tido tantas oportunidades em manifestar seus pensamentos, desenvolvendo-se no Plano Espiritual, amparadas que foram por Espíritos Iluminados que as fazem prosseguir em busca de uma realização plena.

E a nós, que aqui na Terra continuamos a cumprir com nossa missão de pai, só nos resta agradecer a Deus as bênçãos recebidas e a Ele pedimos derramar Suas graças sobre todos aqueles autênticos e verdadeiros missionários, como o amigo Divaldo e o nosso Chico, para que continuem a desenvolver o trabalho de amparo e proteção aos mais carentes, não somente materiais, mas principalmente espirituais.”

Querida mãezinha Ony, meu querido paizinho Antônio (1)

Rogo-lhes que abençoem sua filha.

Há três anos, vivíamos, nestes dias, as dores e angústias da nossa brusca separação...

Agora, graças a Deus, tudo são vitórias e bênçãos que vamos entrosando no coração.

No caleidoscópio da memória, revejo os nossos preparativos para a viagem a São Paulo, no dia 10 de abril, com os bilhetes marcados para retomarmos no dia 13 à nossa amiga Florianópolis. (2)

Fui eu, quem, sem o desejar, vencida pelas saudades e concluídos os compromissos na capital paulista, resolveu o retorno, antecipando-o para o sábado com a chegada prevista para as 20h... (3) No telefonema à mamãe Ony (4) ainda me recordo da Jane brincando, por alcançar a vitória da sua viagem. Desejei chamá-lo, papai, a fim de ouvir-lhe a voz, no entanto, porque nos iríamos ver, logo mais, adiei o prazer e não podia imaginar que, na Terra, nunca mais iria fruir desse júbilo.

Ouçoo agora de forma diferente em linguagem que me penetra a alma, na musicalidade de seu amor incomum. Recordo-me ainda, paizinho querido, que naquele sábado, dia 12, seria celebrada a missa de quarto mês do vovô Eugênio (5) e ainda experimentávamos as saudades do nosso doce velho, que nos precedera na viagem de volta.

Como são difíceis de ser captados os desígnios de Deus!?! Estávamos mais próximas do momento de reencontrá-lo, do que poderíamos imaginar. No entanto, hoje, revendo paisagens e recordações, sinto-me feliz e venho trazer-lhes o meu testemunho de amor puro.

Das outras vezes cedi lugar à querida Jane (6), a fim de que ela vencesse a timidez e se fizesse o correio eficiente do nos amor como realmente ocorreu. Eu me encontrava emocionalmente muito comprometida com o nosso querido Sidnei(7) e necessitava de tempo para reajustar-me e equilibrar o espírito, não traindo preocupações exageradas. Hoje compreendo que ele tem direito à aplicação feliz da sua juventude, reconstruindo o lar que a morte interrompeu, estruturando uma nova família sem que nada nos distancie, porque o amor possui uma abrangência muito grande para caber todos os sentimentos em harmonia e equilíbrio. Não havendo fruído da felicidade de permanecer mais tempo como sua esposa – e fomos imensamente felizes quando juntos – suplico a Deus para ser-lhe devotada amiga maternal zelando pelo prosseguimento da sua realização de homem jovem e bom.

Através das reflexões e estudos, por meio do trabalho contínuo, venho logrando crescer no entendimento e dilatar-me além de qualquer forma de paixão egoística.

Jane, enamorada de Dagoberto (8), parecia sentir que o matrimônio não estava na programação da sua vida, tendo nele um amigo querido e uma esperança para depois.

Neste período foi-nos possível modificar os conceitos sobre a vida e avaliar com segurança as finalidades da existência corporal.

Na comunidade onde estagiamos sob os cuidados da irmã Frida (9) e a carinhosa assistência do bivô Engelberto (10), trabalhamos e estudamos dentro de padrões superiores, em que a cultura objetiva essencialmente o crescimento do ser, na elaboração do progresso da humanidade. Trata-se de uma cidade universitária, fazendo recordar as organizações terrestres, sem, contudo, os atropelos e inquietações jovens. Ali aprendemos o culto dos deveres morais ao lado das responsabilidades e treinamos fraternidade e amor, no contato com a natureza festiva e com os que constituem a nossa sociedade. Nenhum privilégio ou seleção alguma, senão mediante a

conquista de valores pelo esforço pessoal e intransferível. A Soninha prossegue conosco, amiga devotada e jovial, verdadeira irmã que, inclusive, participou das nossas emoções e vive conosco as saudades dos amores que ficaram no mundo.

Descobrimos que a verdadeira felicidade é decorrência das ações enobrecedoras que praticamos, pelo rumo por onde avançamos. Ninguém se credencia à paz sem que ofereça bênçãos de harmonia aos que o cercam.

Mais do que nunca entendemos que o bem que praticamos é a verdadeira luz a clarear-nos por dentro, na Terra e fora do corpo.

Sei que vocês vieram com a expectativa de notícias nossas e os ouvimos conversando, quando viajavam, entretecendo considerações sobre nós e a data que passou. Assim, para amenizar-lhes as penas e saudades, a bivó Custódia (12) informou-me que já era tempo de trazer-lhes, de minha parte, as notícias auspiciosas do nosso estado atual.

Acompanhamos a mãezinha querida no seu tratamento oftalmológico (13) e oramos a fim de que tudo permaneça bem.

Continuem, queridos paizinhos, semeando o amor e acendendo a luz da caridade em toda parte. Quando vocês se recordam de nós e agem em nossa memória, ouvimos os seus sentimentos e atos que nos chegam como dádiva de incontida felicidade.

Os paizinhos são o sol das vidas dos filhos que somente podem avaliar-lhes a grandeza, quando a noite da saudade se lhes abate sobre o coração. Não é por outra razão que Jesus chama Deus, pelo nome mais doce e santo: meu Pai!...

Jane agradece toda a ternura com que vocês nos envolvem, o que também faço e, no próximo maio, no dia do aniversário dela, irá rogar a Jesus que a presenteie com a oportunidade de poder retornar ao lar e beijá-los docemente em festa de gratidão, vocês que têm sabido ser os mais maravilhosos pais do mundo. Os nossos familiares de cá, aqui estão conosco: Bivô Engelberto, o avozinho Eugênio, a Bivó Custódia, a querida irmã Ema (14), o nosso amado Padre Reus (15) e familiares do Sr. Jobel Sampaio (16) que se encontram recuperados, prosseguindo nas tarefas de divulgação do Espiritismo conforme o faziam quando reencarnados.

Se me fosse possível, continuaria a falar-lhes com o devotamento que vocês merecem. No entanto, chega o momento do beijá-los e pôr as reticências nesta carta de amor filial.

Abraçamos, Jane, Sônia e eu, os familiares amados, especialmente o Ronaldo e o Sérgio (17), a avozinha e os amigos, incluindo o Dagoberto e o Sidnei por quem oro comovida...

E beijando-os, enternecidamente, paizinho Antônio e querida mãezinha Ony, todo o carinho e amor da filha devotada, sempre afetuosa.

Rose

Rosemary Furtado K. Noceti

IDENTIFICAÇÕES:

- (1) – Ony e Antônio – Pais de Rose.
- (2) – 10 e 13 de abril – Datas confirmadas pelos pais.
- (3) – Sábado, 20h – Idem.
- (4) – Telefonema à mamãe – Ibidem.
- (5) – Sábado 12, missa de quarto mês do vovô Eugênio – Confirmado pelos genitores.
- (6) – Jane – Irmã de Rosemary.

- (7) – Sidnei – Esposo da missivista.
- (8) – Dagoberto – Namorado de Jane.
- (9) – Irmã Frida – Benfeitora espiritual.
- (10) – Bivô Engelberto – Bisavô paterno, desencarnado. (11)– Soninha – Colega que desencarnou no mesmo acidente.
- (12) – Bivó Custódia – Bisavó materna igualmente desencarnada.
- (13) – Tratamento oftalmológico – Fato confirmado por D. Ony.
- (14) – Irmã Ema – Amiga espiritual desencarnada.
- (15) – Padre Reus – Benfeitor espiritual.
- (16) – Familiares do Sr. Jobel Sampaio – Espírita dedicado, residente em Florianópolis.
- (17) – Ronaldo e Sérgio – Irmãos da comunicante.

José Afonso de Souza Queiroz

A Misericórdia de Deus não tem limites e, a cada instante se manifesta rica de amor.

Divaldo estava em Uberaba, onde participava das atividades doutrinárias do “Grupo Espírita da Prece”, conforme sucede quando ali se encontra.

A noite do sábado 15 de maio de 1982 apresentava um comovedor espetáculo no “Grupo Espírita da Prece”, com caravanas de diversos Estados do país e pessoas de muitas cidades próximas como também de Uberaba.

Após a abertura da reunião e leitura do texto para comentários pela Prof^a Márcia Tomaz Baccelli, iniciaram-se as psicografias de que participavam Francisco C. Xavier, Divaldo Franco e dedicada confeiteira uberabense.

Encerrados os trabalhos, o Sr. Weaker Batista, Presidente do Grupo solicitou à senhora para que lesse a mensagem recebida e logo depois pediu a Divaldo para fazê-lo também.

O médium baiano psicografou três mensagens diferentes, uma das quais trazemos à consideração do caro leitor, esta que se segue.

A genitora do missivista confirmou, emocionada, a autenticidade da carta do Além.

Posteriormente, a Senhora Esy prometeu a Divaldo enviar-lhe uma cópia da mensagem, o que fez alguns meses depois.

Para a surpresa agradável do médium e nossa, a mensagem impressa trazia, no verso, a seguinte informação:

“Pergunta feita a Divaldo Pereira Franco, no dia 13 de março de 1981, no Teatro Renascença – Porto Alegre:

Divaldo:

Há seis meses perdi meu filho num acidente de automóvel. Dois dias depois voltei ao lugar, apesar de todo o movimento encontrei a corrente com a cruz que ele levava no pescoço. Estava intacta. O que aconteceu?

Resposta:

Naturalmente, a senhora foi brindada com a felicidade de encontrar um objeto de uso pessoal do filho, aquele que esteve com ele até o último momento para lhe dar mais ânimo para enfrentar uma dor tão grave quanto esta. Eu acredito que o Espírito mentor do seu filho facilitou que a corrente se desprendesse do jovem e intuída por este Espírito amigo a senhora foi buscá-la para ser uma recordação – carinho muito especial na hora mais grave de sua vida.”

Desde há algum tempo, durante as jornadas de pregação espírita pelo Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, Divaldo é entrevistado na Televisão Gaúcha Canal 12, por Dr. Mendes Ribeiro e também na Rádio Gaúcha, por espaço de duas horas e trinta minutos nesta última.

Em 1981 o professor de Direito e radialista gaúcho convidou o médium baiano para ser entrevistado por ele para a Rádio Gaúcha, no Teatro Renascença, num sábado pela manhã, diante do público.

Divaldo aquiesceu e, no dia anunciado, o imenso auditório encontrava-se superlotado.

Centenas de perguntas por escrito estavam nas mãos do repórter. Cartas, telegramas do interior continuavam a chegar e telefonemas de todo o Estado eram anotados.

Inicialmente as questões eram propostas pelo Dr. Mendes Ribeiro e Divaldo, inspirado pelos Mentores, as respondia.

Num dos intervalos, o entrevistador perguntou a Divaldo se este aceitaria a questão formulada pelos presentes. O médium, após meditar, anuiu, desde que o clima de ordem fosse mantido.

Foram abertos vários microfones que os funcionários da Rádio conduziam aos presentes, facilitando a atividade.

Nesse momento, D. Esy fez a pergunta, recebendo a resposta aqui transcrita.

Naquela multidão seria impossível reter semblantes e assuntos, pois que o programa se alongara por quase três horas.

Chamamos a atenção a respeito de a pessoa que fez a pergunta não se haver identificado, nem feito qualquer outra referência ao filho: nome, lugar da desencarnação, familiares, etc.

Um ano e dois meses depois, em Uberaba, sem que houvessem trocado uma palavra sequer, o médium e a genitora de José Afonso, este vem escrever-lhe pela psicografia de Divaldo e refere-se à corrente, conforme se pode ver na foto fornecida por D. Esy.

Quanto à página que Divaldo psicografou, assim se expressou D. Esy:

“Em maio de 1982 voltei a Uberaba. Chico não trabalhou no “Dia das Mães”. Para o amanhecer desse dia sonhei que o meu esposo, em Porto Alegre, dizia-me que ficasse, pois Divaldo trabalharia ali, naquela semana. Qual não foi o meu espanto, ao confirmar, na sexta-feira, vendo Divaldo pela segunda vez. Eu não sabia que ele psicografava. Minha alegria foi muito grande, quando o nome de meu filho foi chamado. Dirigi-me ao Chico. Minha surpresa foi maior quando disseram que era com Divaldo. A sensação foi renovada naquele salão cheio, sem uma pessoa conhecida, ao receber a segunda mensagem. Segurava a corrente com a cruz que tinha no pescoço, quando Divaldo leu: “Agradeço por você estar com a minha corrente.” Era impossível não ter sido meu filho quem escreveu”.

D. Esy informou, ainda, que segurava a corrente do filho, enquanto transcorria a reunião de psicografias.

A mensagem tem o seguinte teor:

Querida mãezinha Sy (1)

Exultando de júbilo, por mercê de Deus, venho endereçar-lhe a carta que você desejou como presente no “Dia das Mães”. (2)

Já me recuperei das dores mais fortes e da amnésia parcial que me tomaram após o acidente, quando eu seguia para Camaquã.(3)

Lentamente o avô Afonso (4) e outros abnegados Benfeitores Espirituais, quais o Padre Cacique de Barros (5), ofereceram-me ajuda, ensejando-me recuperação e recomposição da paisagem mental, que ora me faculta escrever-lhe com o carinho e a devoção que você e o paizinho Maurício (6) me merecem.

Encontrei a vida e parece-me, às vezes, que a palavra morte, não tem qualquer significado, conforme se atribui na Terra, ao serem ignoradas as realidades da Pátria donde todos procedemos.

Seria o caso de perguntarmos: “Não seria a morte, o mergulho no corpo e vida a libertação dele?”

A verdade é que se não fosse a ausência física dos seres queridos não me daria conta de que me encontro desembaraçado dos tecidos e implementos carnais.

Tudo é tão real e constituído por substâncias de contextura sólida que me surpreendo a cada momento e me felicito ao constatar a grandeza e a sabedoria do Pai Criador.

Louvo a dádiva que ora fruo e agradeço as suas preces, ora calmas e confiantes, rogando pelo seu filho, a fim de que eu me encontre e progrida.

A mãe é, sem dúvida, a estrela luminífera do céu de todos nós. Tenho-a sempre acesa na minha alma, apontando-me o rumo e busco aproveitar da oportunidade, que reconheço não merecer, para crescer e servir.

No serviço, o Espírito se liberta das paixões, limando as arestas e burilando as facetas que lhe tisonavam a beleza que lhe jaz latente.

Confio que hei de adquirir valores com que você, papai e os manos se alegrarão, quando nossa família feliz voltar a reunir-se depois da morte carnal.

Acompanho as lutas do Fernando, da Graça, do José Maurício (7) e oro por eles, a fim de que sejam felizes no cumprimento dos deveres que lhes dizem respeito, evitando os compromissos que prendem os incautos nos grillhões dos vícios infelizes que infestam as paisagens da Terra.

Agradeço por você estar com a minha corrente (8) e a providencial ajuda do Alto que lhe facultou encontrá-la... (9) Você tem a impressão de que algo de mim permanece com você. Além disso, mãezinha, permanecemos nós mesmos vinculados pelo afeto imorredouro que nada conseguirá arrebentar ou fazer diminuir.

Continue no seu ministério de amor, auxiliando quanto lhe permitam as forças, certa de que a vitória do bem que pertence a Deus, será a plenitude dos nossos dias futuros.

Mãezinha, envolvendo o paizinho Maurício e os manos no mesmo abraço de afeto e traduzindo o carinho do vovô Afonso, esse anjo generoso de nossa família, sou o filho carinhoso de sempre, sempre dedicado e seu fiel discípulo que a não esquece.

José Afonso

José Afonso de Souza Queiroz (10)

IDENTIFICAÇÕES:

- (1) – Mãezinha Sy – Forma carinhosa como José Afonso tratava a genitora.
- (2) – D. ESY havia anelado receber uma carta-mensagem do filho, como presente do Dia das Mães, que fora no domingo anterior.
- (3) – Camaquã – Cidade do Rio Grande do Sul onde fora acidentado.
- (4) – Avô Afonso – Avô paterno desencarnado em 02.02.35 em Paudalho, PE.
- (5) – Padre Cacique de Barros, benemérito missionário católico, desencarnado em 12.05.08, em Porto Alegre, RS.
- (6) – Paizinho Maurício – Genitor do missivista.
- (7) – Fernando, Graça e José Maurício – Irmãos de José Afonso.
- (8) – D. ESY informou que, durante a reunião, segurava a corrente do filho, que ela trazia ao pescoço, como se a ele próprio acarinhasse.
- (9) – Refere-se ao fato narrado, quando da Entrevista em Porto Alegre.
- (10) – José Afonso de Souza Queiroz – Nome do comunicante que, em momento algum, jamais fora enunciado.

José Afonso nasceu em 26.10.58, em Porto Alegre, RS e desencarnou em 19.09.80.